



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PSICOLOGIA CLÍNICA

Orientações Contemporâneas na Psicologia Clínica

MIGUEL ANGELO YALENTI PEROSA

A ACEITAÇÃO NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA
E SUA FUNDAMENTAÇÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2021



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PSICOLOGIA CLÍNICA

Orientações Contemporâneas na Psicologia Clínica

MIGUEL ANGELO YALENTI PEROSA

A ACEITAÇÃO NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA
E SUA FUNDAMENTAÇÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Dissertação apresentada à banca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de mestrado em Psicologia Clínica, sob orientação da Profa. Dra. Ida Elizabeth Cardinali.

São Paulo

2021

Dedicatória e Agradecimentos

Esta dissertação é dedicada a cada um dos pacientes que atendi nestes 45 anos de prática clínica. A eles, devo grande parte da minha formação terapêutica. Cada um e todos deixaram em mim um conhecimento novo, seja do modo específico de ser de cada um, seja a respeito de como me portar terapêuticamente, seja a respeito da vida. Mas sobretudo me ajudaram a ser uma pessoa melhor, mais disponível para aceitar as diferenças, o modo de ser de cada um, para entender seus propósitos, para acolher cada uma e todas as pessoas como são. Não tenho palavras para o tanto que me proporcionaram.

Esta dissertação foi escrita em plena pandemia do coronavírus, período em que estive confinado na minha residência, saindo pouquíssimas vezes por conta das minhas comorbidades. Gostaria de agradecer à minha esposa, Eliana, que rapidamente mudou o layout da nossa residência, fazendo um escritório que me serviu para atender meus pacientes, dar minhas aulas e supervisões, estudar e escrever este texto, procurando proporcionar silêncio e privacidade nessas atividades.

Gostaria de agradecer ao meu colega de 50 anos, meu amigo Carlos Eduardo Carvalho Freire, a quem devo o estímulo e a promessa não cumprida – por conta da pandemia – de nos encontramos com muito mais frequência que antes, já que ele também se dispôs a ingressar na pós-graduação, embora com idade um pouco mais avançada que a minha.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Profa. Dra. Ida Elizabeth Cardinalli, amiga dos tempos da faculdade, companheira de profissão e que sempre me incentivou a participar da nossa associação profissional e foi um estímulo e um amparo fundamental na realização deste trabalho. Agradeço muitíssimo por me apoiar na escolha do tema, uma reflexão sobre a minha prática profissional. Por ter sido perfeita ao deixar-me sozinho quando o trabalho requeria minha dedicação e esforço e ter sido precisa nas horas em que precisava estar presente, seja no início, no esclarecimento do tema e dos objetivos, seja nas indicações de leitura, nos encaminhamentos estruturantes da sequência de estudos e escrita, no pente-fino cuidadoso para as correções e sugestões de expressões visando tornar o texto mais claro e preciso. Sua sensibilidade de em momento algum precisar fazer com que eu pensasse e escrevesse o seu pensamento e, ao mesmo tempo, estar presente como uma retaguarda firme e afetiva, foi um presente a mais que recebi nesta trajetória.

Minha participação no Programa de Estudos Pós-graduados de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e a consequente elaboração desta dissertação contou com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP (PIBIC-CEPE), de quem recebi bolsa de estudo integral. Meus sinceros agradecimentos.

Gostaria, por fim, de agradecer aos meus alunos. Nesta lida do exercício pedagógico do melhor de mim, foram um estímulo e um desafio à realização desta dissertação. Sei que ao final me tornei um professor melhor, com mais foco no que é mais significativo a ser enfatizado na disciplina que leciono – Exercícios de Compreensão Clínica – no curso de Psicologia da Universidade Católica de São Paulo. Esta dissertação é também para vocês. Obrigado a todos.

PEROSA, M. A. Y. *A Aceitação na Relação Terapêutica e sua fundamentação Fenomenológica Existencial*. São Paulo, 2021, 72 p. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientadora: Profa. Dra. Ida Elizabeth Cardinali.

RESUMO

O objetivo desta dissertação foi apresentar a conceituação e a fundamentação fenomenológica existencial da aceitação na relação terapêutica. Iniciou-se com uma introdução teórica explicitando os principais conceitos fenomenológico-existenciais heideggerianos, abordagem filosófica que foi utilizada na fundamentação da aceitação em seu contexto terapêutico. Em seguida, buscou-se explicitar o objetivo e o método da terapia daseinsanalítica, procurando mostrar que o método daseinsanalítico pressupõe o conjunto de atitudes que compõem o Lugar Terapêutico. Assim, na sequência, esta dissertação buscou o esclarecimento do que é o Lugar Terapêutico e realizou uma análise da aceitação, um dos seus componentes, demonstrando seus fundamentos heideggerianos. E para exemplificar como a aceitação se faz presente na prática clínica foram apresentadas seis sessões de terapia daseinsanalítica, em que se fez uma análise dessa atitude terapêutica. Foram apresentadas as seis sessões como exemplos do exercício do método clínico, que se constituíram também num trabalho de pesquisa, já que o método clínico da daseinsanálise é o mesmo método hermenêutico da pesquisa daseinsanalítica. Por fim, foi apresentada uma reflexão final, em que se configurou uma síntese do objeto desta dissertação evidenciando a motivação do autor na sua realização, sua contribuição específica ao conhecimento da formação do terapeuta daseinsanalítico e a quem ela possa ser útil. Também fica clara a ideia de que os pontos apresentados não se referem mais do que a uma pequena parcela na construção do conhecimento do método daseinsanalítico, uma conquista permanente e interminável.

Palavras-chave: aceitação; serenidade; fenomenologia existencial; Martin Heidegger.

PEROSA, M. A. Y. *A Aceitação na Relação Terapêutica e sua Fundamentação Fenomenológica Existencial*. São Paulo, 2021, 72 p. Master's Thesis, Pontifical Catholic University of São Paulo. Advisor: Profa. Dra. Ida Elizabeth Cardinalli.

ABSTRACT

This thesis's objective was to present the conceptualization and the existential phenomenological foundation of acceptance in the therapeutic relationship. It began with a theoretical introduction explaining the main Heideggerian phenomenological-existential concepts, a philosophical approach that was used in the foundation of acceptance in therapeutic context. Then, a daseinsanalyse therapy objective and method explanation was made, and was showed how the daseinsanalyse's method presupposes a hall of attitudes that build the Therapeutic Setting. Thus, after, this thesis sought to clarify what the Therapeutic Setting is and carried out an analysis of acceptance, one of its components, demonstrating the Heideggerian foundations for it. To exemplify how acceptance is present in clinical practice, six sessions of daseinsanalytic therapy were presented, in which an analysis of this therapeutic approach was made. We tried to show that the clinical method of daseinsanalysis is the same hermeneutic daseinsanalytic method for research; and therefore, the six sessions were presented as examples of the clinical and research method practice. Finally, a final reflection was presented, in which a synthesis of this thesis object was configured, evidencing the author's motivation, his specific contribution to the daseinsanalytic therapist training knowledge and to whom it may be useful. It is also clear the idea that the points presented do not refer to more than a small part in the construction of daseinsanalytic method knowledge, as a permanent and interminable achievement.

Keywords: acceptance; serenity; existential phenomenology; Martin Heidegger.

SUMARIO

1. Introdução.....	8
2. O Pensamento de Martin Heidegger.....	12
3. A terapia Daseinsanalítica.....	22
4. Aceitação e lugar terapêutico.....	32
5. O Exercício do Método: análise de exemplos de aceitação.....	44
6. Reflexões Finais.....	68
7. Referências Bibliográficas.....	74

1. INTRODUÇÃO¹

O pensamento de Martin Heidegger retomou uma questão presente no pensamento da Grécia Antiga, a questão do ser. Trouxe de volta à Filosofia essa questão, cujo encobrimento se inicia nos primórdios do pensamento da Metafísica, e mais especificamente, pela influência do extraordinário crescimento do conhecimento científico dos últimos 400 anos. Nesse período, a ciência acumulou mais conhecimento que em todas as épocas anteriores, centrando a questão do ser no conhecimento das dimensões materiais dos entes.

Para pensar a questão do ser, Heidegger dirige seus esforços para entender o lugar em que ser se apresenta como questão. Por essa razão, pelo fato de o homem ter sempre em questão o seu próprio ser, o filósofo quer entender o ser do existir humano. Porque é no homem que a questão do ser está em jogo, pois é o único ente conhecido em que seu ser se insere num projeto sempre aberto, sempre em questão, sempre podendo ser e sempre tendo que ser.

Sua obra seminal, *Ser e Tempo*, é basicamente a explicitação das estruturas ontológicas do ser humano. Nela, Heidegger esclarece que o ser do homem é sempre e em cada caso, seu. E que é um ser-aí, ou seja, é um ser cuja essência é sua existência, seu *ek-sistere*, seu estar dirigido para fora, para o mundo. Como para Heidegger mundo é a totalidade significativa dos entes que se fazem presentes ao ser-aí, homem e mundo se interdependem em suas definições.

Para este ser humano em seu mundo (que o constitui e é constituído por ele) Heidegger atribuiu o nome *Dasein*, que significa ser-aí. Baseado nos ensinamentos de seu mestre *Husserl*², Heidegger faz uma reflexão fenomenológica existencial sobre o *Dasein*. Com essa designação fica claro que seu projeto filosófico rompe com a tradição de entendermos o sujeito (*subject*) em relação com o mundo (*object*). Para ele, essa diferença

¹ Por ser uma reflexão sobre minha prática clínica, não conseguiria realizá-la pessoalmente. Por isso, este é um trabalho escrito na primeira pessoa do singular.

² Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938), matemático e filósofo alemão que estabeleceu a escola de fenomenologia na Universidade de Friburgo.

que vem da tradição filosófica e que separa a essência da existência não se sustenta fenomenologicamente.

Sua obra, hoje, se dissemina em diversos campos do conhecimento, como a clínica psicoterápica, a arquitetura, o jornalismo, a educação, a psiquiatria, a geografia etc.

Baseado em sua obra, a ideia de *Dasein* se tornou presente na psicologia e mais especificamente na psicoterapia. Sua maneira de entender o *Dasein* e o seu método fenomenológico de investigação inspiraram a criação da *Daseinsanalyse*, que é a aplicação na terapia dos fundamentos legados por ele.

Faço parte de uma geração que, mercê da mente sempre aberta da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, implantou pela primeira vez naquela instituição um atendimento terapêutico baseado na fenomenologia existencial heideggeriana. Essa clínica formou um sem-número de terapeutas *daseinsanalíticos* ao longo desses 30 anos.

A escolha da abordagem fenomenológica existencial como fundamentação da temática deste trabalho – a aceitação – se deve a diversos fatores. Em primeiro lugar, pela minha formação nesta abordagem, desde a minha análise pessoal, que se iniciou ainda nos anos da faculdade, aos anos de supervisão dos atendimentos terapêuticos que realizava no começo da minha atividade clínica, aos cursos que fiz, notadamente o curso a respeito do pensamento heideggeriano na *Associação Brasileira de Daseinsanalyse* (ABD) foi quase automática a escolha da abordagem. Há 45 anos leciono na faculdade de Psicologia da PUC-SP, disciplinas como Fenomenologia I e Exercícios de Compreensão Clínica, entre outras, todas abordando o pensamento de Martin Heidegger. Além dessas razões da minha história profissional, o pensamento de Martin Heidegger em nossa época atual, se expande para o mundo da ciência, sendo utilizado em diversas ciências (além da prática clínica), como arquitetura, geografia, jornalismo etc. No meu entender, isso se deve ao fato de que o modo deste filósofo entender a existência humana se mostra como uma chave promissora de entendimento do ser humano dos dias atuais. Acredito que este trabalho, fundado no pensamento de Martin Heidegger, possa contribuir para jogar luz na atitude terapêutica basilar do fazer clínico, a aceitação.

A aceitação é um dos componentes da postura do terapeuta diante do seu paciente. A essa postura nomeei *lugar terapêutico*. Ele ocorre, portanto, na relação terapêutica que tem em sua constituição três atitudes que o fundamentam: a aceitação, o acolhimento e o

entendimento. Buscaremos neste trabalho os fundamentos - ora ontológicos, ora derivações de conceitos ontológicos - de uma dessas três atitudes, a aceitação.

Considero a relevância desse estudo em quatro dimensões distintas:

- Em primeiro lugar, trata-se de uma síntese do meu trabalho clínico, que já dura 45 anos. Para mim, como profissional, será de grande valia, principalmente pela clareza que me possibilita ao refletir sobre as sessões que realizo.
- Em segundo lugar, como supervisor da Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic, do curso de Psicologia da PUC-SP, será a oportunidade de possibilitar aos supervisionandos a reflexão fenomenológica sobre a constituição do seu fazer terapêutico e a construção da sua maneira própria de portar-se fenomenologicamente diante do seu paciente.
- Em terceiro lugar, como professor da disciplina Exercícios de Compreensão Clínica no curso de Psicologia da PUC-SP, será a oportunidade de refletir com os alunos sobre os fundamentos que nutrem e orientam o exercício clínico em fenomenologia existencial.
- E, por último, embora já muito se tenha publicado sobre a prática clínica daseinsanalítica, espero contribuir com esta dissertação para a construção do conhecimento dos seus fundamentos, explicitando e fundamentando a aceitação no contexto da prática clínica.

Acredito que minha contribuição se dará ao aprofundar os fundamentos dessa atitude terapêutica e com isso explicitar também a própria terapia daseinsanalítica e uma hermenêutica clínica.

Como este trabalho busca os fundamentos do lugar terapêutico nas ideias de Martin Heidegger o primeiro capítulo se refere à sua proposta filosófica a respeito do que significam homem e mundo e os conceitos que utiliza para essa explicitação. Muitos deles usaremos especificamente na busca de clareza do que significa a aceitação. E por se tratar de uma compreensão do trabalho clínico, no segundo capítulo abordo o significado e o sentido da terapia daseinsanalítica. Em seguida, no capítulo três, procuro focar o esclarecimento da aceitação e do seu fundamento ontológico.

Considerando que o método hermenêutico fenomenológico pode orientar o esclarecimento do fenômeno humano pretendo, no capítulo quatro, apresentar exemplos

de atendimento terapêutico para em seguida, exercendo o método, buscar a compreensão da experiência vivida pelo paciente bem como a presença da aceitação nessas sessões. Nas minhas reflexões finais, procuro sintetizar o que foi explicitado ao longo deste trabalho e refletir sobre as possibilidades práticas e teóricas que dele podem se aventar.

2. O PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER

Baseado no pensamento do seu mestre Husserl, que já havia proposto, por meio do pensamento fenomenológico, a superação entre sujeito que conhece e objeto a ser conhecido, Heidegger retomou em sua obra *Ser e Tempo* um tema que inicialmente ocupou os pensadores da Grécia Antiga, a questão do ser. Para estudar a questão do ser considerou ser preciso entender onde essa questão ocorre, onde se manifesta. Por isso, para buscar o esclarecimento da questão do ser, buscou compreender o ente que é tocado por ela, o ser humano.

Para Heidegger, o ser de cada homem é em cada caso, seu. E a cada homem compete seu ser. Portanto, o homem, além de ser, tem que ser. Ele afirma que o ser não é uma essência imutável, como um componente da natureza humana que habita e constitui cada um de nós. Não, para o filósofo sempre o ser do homem está em jogo, o homem é um constante *poder ser* e assim é preciso que faça escolhas. Pelo fato de que o ser é próprio em cada humano, em cada *Dasein*, o homem está condenado a ter que ser porque seu ser lhe compete.

Pelo fato de o ser do homem estar sempre em jogo, fica claro que o homem não tem uma essência, algo permanente que lhe dê fundamento, identidade e coerência. Heidegger afirma que a essência do homem é sua existência, é seu estar no mundo.

O homem está no mundo de uma forma peculiar: o mundo não é um lugar, simplesmente. Estamos acostumados a entender a palavra mundo como uma totalidade de objetos (aqui entendidos como o que não é o sujeito, o homem) existentes na face da terra. O pensamento heideggeriano entende que não existem objetos em si mesmos. Tomemos o teclado de onde escrevo essas palavras. Ele está diante do meu *notebook*, ambos sobre a mesa. Ao lado, uma série de livros. Dentro do computador, outros tantos livros e documentos e artigos que consulto para escrever. Para escrever o que? Esta dissertação que apresentarei a uma banca da PUC-SP, este teclado à minha frente está neste momento em relação ao computador, aos livros, à dissertação de mestrado, à PUC-SP. Neste momento, sou incapaz de olhar para ele como uma coisa em si mesma, um mero conjunto de teclas que se conecta via *bluetooth* com o sistema operacional do

computador e permite que letras possam aparecer em sua tela. Ele é muito mais que sua dimensão física, está integrado a um projeto humano e mantém com os outros objetos à sua volta uma totalidade significativa que me permite agir em direção a um propósito de futuro. A essa totalidade instrumental que se dá entre os objetos e entre eles e mim, Heidegger denomina “mundo” (no caso, meu mundo). Logo, não há um mundo que é um reservatório de objetos, externos a e independentes do *Dasein* e de uns dos outros, mas cada *Dasein* é constituído pelo seu mundo, pelo seu aí.

O ser humano está no mundo junto às coisas, com familiaridade. Ele é diferente de todos os entes intramundanos com os quais está-junto-a. Por essa razão, Heidegger chama o homem de *Dasein*, que significa ser-aí. Por pensar o *Dasein* como um ser que desde sempre já é-aí-junto-às-coisas, seu pensamento supera a dicotomia sujeito e objeto. Não há homem sem mundo.

O *Dasein* é junto às coisas porque é uma abertura onde tudo que se apresenta a ele é de alguma forma compreendido e compõe seu mundo. Não há mundo sem homem.

O *Dasein* está aberto em seu aí e está desde sempre junto às coisas - condição à qual Heidegger dá o nome de cura. O *Dasein* é um projeto em aberto. Ele pode ser e ele tem que ser. Pelo fato de o seu ser estar sempre em questão ele precisa cuidar dos entes intramundanos, dos outros seres-aí e de si mesmo.

A abertura é um dos fundamentos ontológicos (constituintes) do *Dasein* e tem três dimensões interrelacionadas: a disposição afetiva, a compreensão e a fala.

É importante notar que Heidegger, contrariamente à tradição filosófica, que sempre entendeu os afetos como subsidiários da atividade do pensamento, coloca-os como ponto de partida na relação entre homem e mundo, na relação de conhecimento.

Borges-Duarte (2015, p. 43-62) assinala essa especificidade do pensamento heideggeriano:

Ao contrário da tradição filosófica moderna, que tendeu a tratar a afetividade de forma subsidiária da representação, enquanto base da cognição e da edificação da ciência, tratando-a de forma complementar ou em contraste com ela, Heidegger introduz, em *Ser e Tempo*, a estruturação afetiva da

compreensão como elemento basilar da existência histórica, que constitui o *Dasein*. Esta via de investigação, renunciando à vocação cientificista da modernidade, centra-se na tarefa do que chama uma Ontologia Fundamental: a análise da constituição ontológica do «aí», enquanto abertura e exposição ao ser, que acolhe em palavra, gesto, acto e obra, dando-lhe abrigo e forma no mundo humano. Esta consideração da afectividade não a concebe como mera manifestação ôntica (emocional ou sentimental), mas como maneira ontológica de ser-no-mundo e do ser (no mundo): forma de ser do *Dasein*, em que se forma o que é vivido em um mundo, que vem ao encontro e em que nos encontramos.

No mesmo artigo, mostra como é impossível captar a totalidade de um objeto em si mesmo, retirado da sua totalidade instrumental, do seu para que:

...É esse sentir radical que, como nos diz Heidegger em *O que é a Metafísica?*, nos coloca, de repente, não ante um objecto qualquer, susceptível de ser conhecido, mas no meio do ente no seu todo. Ora, ao fim e ao cabo, há uma diferença essencial entre o captar do todo do ente em si e o encontrar-se no meio do ente na sua totalidade. O primeiro é fundamentalmente impossível. O segundo, está continuamente a acontecer no nosso aí-ser. Nunca é conceptual ou representativamente que captamos esse «todo», no seio do qual já de antemão estamos. Apenas o (pre)sentimos, apercebendo-nos de nós e das coisas num unísono indeterminado, que marca e cunha formalmente a compreensão e o modo como, desse encontro, poderá desenvolver-se interpretativamente quer uma concepção do mundo, quer um processo de identificação do que me é próprio. A afectividade é, neste sentido, o momento inicial da compreensão, a abertura no seu sentido mais próprio e primordial.

O *Dasein*, aberto ao seu mundo e tocado pelo que do mundo a ele se apresenta, vive sempre em alguma disposição afetiva e é a partir desta que descobre o mundo. Isso quer dizer que toda tonalidade afetiva já é uma pré-compreensão e toda compreensão é afinada em alguma tonalidade afetiva. Heidegger (2017, p. 197) diz que: “Na disposição subsiste existencialmente um liame de abertura com o mundo, a partir do qual algo que toca pode vir ao encontro”.

É a disposição afetiva que possibilita ao *Dasein*, em sua abertura, o contato com o mundo que vem ao encontro. A disposição afetiva, por ser a dimensão da abertura que permite ao *Dasein* ser tocado pelo mundo, se relaciona com a compreensão do que aquilo que tocou o *Dasein* nele suscita. Borges-Duarte (2015- p.43-62) afirma:

Do afecto devemos esperar que antecipe uma certa compreensão. Da compreensão temos de supor que está já de antemão orientada pela disposição afetiva. No entretecer-se implícito ou explícito do discurso, em que esta compreensão afectiva chega à palavra, configura-se a existência de cada um. A existência é ser-no-mundo, que se inicia no ver-em-torno da labuta quotidiana.

O *Dasein* está junto-a, conhecendo. E nesse aí todos os entes que lhe vêm ao encontro são conhecidos e ganham o estatuto de ser, testemunhados pelo homem. Por essa razão, assim como não há homem sem mundo, não há mundo sem homem.

Compreender é projetar possibilidades de significado, é abrir uma totalidade de significados (a significância) que entrega ao *Dasein* o seu poder-ser. A compreensão, então, é o fundamento ontológico do poder-ser.

Na compreensão, essa totalidade de significados é elaborada tendo em vista um projeto, um a-fim-de-que. A essa elaboração Heidegger nomeou *interpretação*. O *o quê*³ da interpretação é sempre articulado numa fala, é um discurso que também configura a existência do *Dasein*.

O que é elaborado pela interpretação, articulada na fala, Heidegger denominou *sentido*. A fala compõe a abertura na sua interpelação com a disposição afetiva e a compreensão. Ela já está presente na própria compreensibilidade e está articulada na interpretação. Nas palavras de Heidegger (2017, p.209 e 223, grifo do autor):

No compreender, a presença projeta seu ser para possibilidades. Esse *ser para possibilidades* em compreendendo é um poder-ser que repercute sobre a presença as possibilidades enquanto aberturas. O projetar inerente ao compreender possui a possibilidade própria de se elaborar em formas. Chamamos de *interpretação* essa elaboração. Nela, o compreender apropria-se do que compreende. Na interpretação, o compreender vem a ser ele mesmo e não outra coisa. A interpretação funda-se existencialmente no compreender e não vice-versa. Interpretar não é tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas no compreender.

e

Do ponto de vista existencial, a fala é igualmente originária à disposição e ao compreender. A compreensibilidade já está sempre articulada, antes mesmo de qualquer interpretação apropriadora. A fala é a articulação da compreensibilidade. Por isso, a fala se acha à base de toda interpretação e enunciado. Chamamos de sentido o que pode ser articulado na interpretação e, por conseguinte, mais originariamente ainda já na fala.

O *Dasein*, em sua abertura, é no mundo como os entes intramundanos, com uma diferença: ele é um *ser-em*, ou seja, é e está junto aos outros seres intramundanos. Uma pedra não é junto ao chão. Ela não se define por esse ser-junto-a, como o ser-em. É essa dimensão do estar junto-a, de habitualidade, de familiaridade que fundamenta a faticidade do *Dasein*.

Sendo uma abertura compreensiva, o *Dasein* abre seu poder-ser. Como diz Heidegger, interpretar é elaborar as possibilidades projetadas no compreender e, portanto, inevitavelmente se abre o futuro, para o vir-a-ser e para o poder-ser.

³ Grifo nosso

O compreender tem em si o projetar. Em que se fundamenta esse projetar? Em que essência se finca como em uma terra firme esse poder-ser, esse vir-a-ser? Em nenhuma essência, apenas na própria existência, fluida, dinâmica, que se altera por estar sempre aberta ao que vem ao encontro. No entanto, o *Dasein* tem-que-ser já que seu ser a ele mesmo compete.

A angústia é a perda de significado e sentido já existentes. Ora, a perda definitiva de significado e sentido é a morte. E o homem já pre-cursou esse caminho e sabe que tem um tempo para poder-ser. O *Dasein* tem que se recolher em si mesmo para tomar uma decisão com propriedade, em consonância com seu ser ou então, para fugir da angústia, obedecer às regras e conhecimentos dados pelo mundo, abandonando-se à impropriedade.

Heidegger nos diz que propriedade e impropriedade são modos de ser do *Dasein* e que, no mais das vezes, ele está lançado na impropriedade. Diz Heidegger (2017, p. 252-254, grifo do autor):

Chamamos de “fuga” de si mesmo o decair do *Dasein* no impessoal e no “mundo” das ocupações. [...] No *Dasein*, a angústia revela o ser para o poder-ser mais próprio, ou seja, o *ser-livre* para a liberdade de escolher e acolher a si mesma. A angústia arrasta a presença para o *ser livre para...* (*propensio in...*), para a propriedade de seu ser enquanto possibilidade de ser aquilo que já sempre é. O *Dasein*, como ser-no-mundo entrega-se, ao mesmo tempo, à responsabilidade desse ser.

Este poder ser mais próprio, que a angústia possibilita, é, ao mesmo tempo, o poder-ser em que o *Dasein* pode projetar-se com propriedade, consoante a seu ser, e também a possibilidade de não mais ser. Haar (1990, p.36) afirma: “A angústia da morte é a angústia perante o poder ser mais próprio, absoluto e inultrapassável”. Assim, a angústia é decorrência do que há de mais próprio, intransferível, inadiável, insuperável no *Dasein*: o seu próprio fim. A morte é o seu poder ser mais próprio.

O *Dasein*, no mais das vezes, foge da angústia e decai no mundo das ocupações e no impessoal. Contudo, quando neste ser-no-mundo acontece um esgotamento de sentido, o *Dasein* é novamente levado à angústia e tem a possibilidade de viver de um modo mais próprio, a partir do contato com o seu sendo, com seu próprio ser.

Ao escolher, o *Dasein* projeta futuro. O futuro é o sentido do presente, é quem sustenta seus significados. Por exemplo: imaginemos um advogado prestando pela terceira vez o concurso da magistratura. Estudou muitos anos na vida para poder realizar aquela prova. Este passado não explica sua presença no concurso, apenas a possibilita, por estar apto a. Tudo o que estudou nesses anos todos é chamado a estar presente na realização do concurso. Quem chama? É o propósito de futuro, seu querer ser um magistrado. Se ao invés de desejar ser um juiz num futuro próximo, quisesse ser um alpinista ou um boxeador, com certeza não estaria realizando a prova. Mas ele quer ser um juiz e é esse propósito de futuro que confere sentido ao seu presente, naquele momento; é esse propósito que explica seu presente. Essa é a importância do futuro. Segundo Haar (1990, p. 53) “[...] há uma primazia do futuro, uma vez que a temporalização do compreender (poder ser) tem por base o futuro [...]”. A temporalidade é o fundamento mais originário do *Dasein*, é o existencial a partir do qual todos os outros se assentam e podem ser.

Estamos falando de um si mesmo, de escolhas próprias e impróprias, de um compreender-se e de um projetar-se em direção ao futuro que diz respeito ao seu próprio viver. Mas como o *Dasein* compreende os entes intramundanos, aqueles que lhe vêm ao encontro e que compõem o seu mundo?

Heidegger os diferencia entre entes simplesmente dados e entes manuais. Os manuais são os entes de que o *Dasein* se utiliza na sua ocupação para realizar uma tarefa. Uma caneta, uma xícara, um martelo, um computador etc. Os entes simplesmente dados são aqueles que *Dasein* encontra - a chuva, as florestas, o dia e a noite, a natureza em geral. Porém, estes entes, embora nem sempre utilizados como instrumentos, são sempre levados em conta na ocupação. Por exemplo, a chuva nos faz pensar em como sair de casa, que roupa usar, levar capa ou não etc.

Imaginemos um manual, um livro. Poderíamos basear nossa compreensão do livro em seus aspectos materiais: papel utilizado, tipo de letra, tamanho da mancha, número de páginas, papel da capa, peso etc. Entretanto, um livro contém também algo de imaterial, que é o seu conteúdo, aquilo que nele foi escrito, impresso. Essa parte imaterial não pode ser exatamente medida, e um livro, para existir, depende da existência desse conteúdo. Este, por sua vez, depende de um escritor para existir, que depende da existência de uma

língua em que vai escrever. Essa língua está imersa e expressa uma cultura e uma cultura só existe se o *Dasein* for gregário, for um ser-com-os-outros-*Daseins*. A dependência do livro de todas essas dimensões é tão grande que fica nítido que os aspectos materiais arrolados acima explicitam *como* é o livro, mas não são seus fundamentos, que possibilitam que encontremos um livro. E além de todas essas referências que fundamentam a existência do livro, só o encontraremos se tivermos o propósito da leitura.

A relação do livro com essas dimensões (no caso, não mensuráveis): o escritor, a língua, a cultura, o ser gregário do homem, é nomeada por Heidegger de significância. Assim, a significância é o fundamento da existência do livro. Isso mostra que o fundamento não ocorre dentro do livro, não está nele, como se o livro fosse uma coisa em si mesma. No pensamento heideggeriano não há nada em si mesmo, não há nada que não esteja articulado numa totalidade instrumental.

Também é preciso notar que na busca da compreensão do livro não há em seus fundamentos a relação com, digamos, um guarda-chuva. Um guarda-chuva não está no âmbito das dimensões que fundamentam o livro. Isso se dá porque esse âmbito, o escopo das relações de significado, está relacionado com *o ser* do livro. Tudo o que não faz parte do ser do livro não pode ser incluído na sua significância. Heidegger nomeia como ser dos úteis *o ser para*. Assim, um livro é *para ler* e, obviamente, um guarda-chuva não é uma dimensão que fundamenta o ser do livro, *o para ler*.

O que sustenta o significado de algo é o seu sentido. No caso do livro, o que dá suporte às suas relações (Heidegger diria *remessas*) de significado é a leitura. Ela é o sentido do livro.

Quando pego um livro em minhas mãos com o sentido da leitura, eu mantenho a significância do livro, *o para ler*. Nessa ocupação da leitura o livro se fez presente. O sentido ôntico da cura, o cuidado, se manifesta na ocupação. Quando faço uso de um manual em determinada ocupação, cuido do meu ser, mantenho meu ser, seu *ser para*.

Na ocupação, um *Dasein* encontra outros seres-aí que se apresentam em seu ser-mundo, nas ocupações do mundo circundante, a partir do ser que está à mão. Desse modo, em seu mundo, o *Dasein* encontra os manuais, os entes simplesmente dados e os

outros *Daseins*. Sempre. Não se trata de uma possibilidade, a de encontrar ou não outros seres-aí. Sempre, em qualquer ocupação, outros seres-aí se fazem presente. O *Dasein* é, existencialmente, um *ser-com*⁴. Para Heidegger (2017, p.180): “A abertura da copresença dos outros, pertencentes ao ser-com, significa: na compreensão do ser do *Dasein* já subsiste uma compreensão dos outros, porque seu ser é ser-com.” Portanto, ser-com-o-outro é um existencial do *Dasein*, outro dos seus fundamentos.

O cuidado com os manuais (cuidar é manter o ser) ocorre na ocupação, mas o cuidado com os outros seres-aí se dá na pré-ocupação, como um fenômeno da *cura*. Se o caráter ontológico da ocupação é o ser-junto-a, o caráter ontológico da pré-ocupação é o ser-com. Segundo Sá (2017, p. 58): “A “preocupação” funda-se na constituição essencial do ser-aí enquanto “ser-com-o-outro”. Existem duas formas extremas de pré-ocupação: a pré-ocupação substitutiva e a pré-ocupação antecipatória. Entre esses extremos, uma infinidade de formas de pré-ocupação pode se dar, cada uma mais próxima ou mais distante de um extremo ou outro.

Sá (2017, p.58) afirma que o *Dasein* pode se pré-ocupar positivamente com os outros seres-aí através de uma pré-ocupação substitutiva que “[...] “substitui” o outro assumindo suas “ocupações” para liberá-lo delas ou devolvê-las posteriormente como algo já pronto.” ou por meio de uma *pré-ocupação antecipatória*: “Outro modo de “preocupação” que Heidegger menciona é aquele que “antepõe” ao outro não para substituí-lo, mas para pô-lo diante de suas próprias possibilidades existenciárias de ser”. Heidegger (2017, p. 178-179, grifo do autor) explicita esse modo de pré-ocupação da seguinte forma:

Em contrapartida, subsiste ainda a possibilidade de uma preocupação que não tanto substitui o outro, mas que *salta antecipando-se a ele* em sua possibilidade existenciária de ser, não para lhe retirar o “cuidado” e sim para devolvê-lo como tal. Esta preocupação que, em sua essência, diz respeito à cura propriamente dita, ou seja, à existência do outro e não a uma *coisa* de que se ocupa, ajuda o outro a tornar-se, em sua cura, transparente a si mesmo e *livre para ela*.

Dessa forma, a preocupação antecipatória é, mais propriamente, o exercício existencial da cura, o cuidado.

⁴ Grifo nosso

Estas são formas de cuidado do *Dasein* com os outros seres-aí. Cuidar é manter o ser, refere-se a uma atitude ativa de permitir, de permitir, de possibilitar, de promover que algo se faça presente em seu próprio ser. É um estar-junto-a, um demorar-se para que emerja o ser do que se apresenta ao *Dasein*. Sá (2017, p. 32 e 33) diz: “O modo de disposição através do qual somos colocados diante das coisas sem a intervenção do querer é a serenidade”. Ele cita Heidegger (2000, p.43): “O aguardar, tal como proposto, não tem qualquer objeto, simplesmente “aventurar-se no próprio aberto...”.

E continua: “O aguardar sem nada representar conduz à própria abertura do sentido do ser. A serenidade vem da própria abertura, consiste no aguardar sereno através do qual experienciamos o pertencimento da nossa essência à abertura”. (SÁ, 2017, p.32 e 33)

Este modo de disposição afetiva, denominada serenidade, possibilita que algo emerja em seu ser e exige que se aventure no aberto, sem outro propósito senão o de possibilitar a ocorrência e de acolher no aí o ser que se revela.

A terapia daseinsanalítica é cuidado, é uma forma de propiciar que o ser se manifeste e seja conhecido. Esse cuidado depende de uma postura terapêutica que possui a aceitação como um dos seus componentes - que procuraremos explicitar e exemplificar nos capítulos seguintes - em que usaremos os conceitos da fenomenologia existencial constantes neste capítulo para sua fundamentação.

3. A TERAPIA DASEINSANALÍTICA

A terapia daseinsanalítica visa à ampliação do autoconhecimento do paciente. Tal objetivo não a diferencia de outras abordagens terapêuticas. Muitas o têm. O que lhe é próprio é o método com que alcança essa meta, um método baseado numa visão específica de ser humano e de mundo. Essa visão (heideggeriana) implica o terapeuta pessoalmente com seu fazer e com seu paciente. Não se trata de um técnico que utiliza procedimentos já conhecidos com resultados previstos. É uma busca de significado e sentido junto ao (e com o) paciente, na certeza de que a palavra que anuncia o sentido do vivido é libertadora e transformadora. A palavra, a fala, como veremos no capítulo 4, é fundamento integrante da abertura e articula o significado. A significância é o fundamento da realidade. Assim, a descoberta do significado e sentido do que é vivido pode clarear uma nova realidade, um outro modo de ser.

Pompeia (2000, p.26) afirma: “[...]terapia é procura, via poiesis, pela verdade que liberta para a dedicação ao sentido”. Esta frase merece ser desdobrada em seus componentes para melhor esclarecimento do seu significado.

A palavra *procura*, aqui apresentada, refere-se ao conceito heideggeriano de cura (na dimensão ontológica), cuidado (na sua manifestação ôntica)⁵[(POMPEIA, 2000)]. Assim, procura, aqui, é a busca do cuidado. Cuidar é manter o ser. Cuidar é tudo o que fazemos para que mantenha seu ser aquilo (ou quem) é.

O cuidado com as coisas é diferente do cuidado com os outros *Daseins*. Na ocupação dos homens com as coisas do seu cotidiano, o homem cuida do ser das coisas, ao utilizá-las. Cada vez que uma porta é aberta, o ser da porta (seu ser para) é exercido e mantido pelo homem.

O cuidado com as coisas é exercido pelo homem nas suas ocupações, onde se encontra com outros homens, seja como fornecedores, destinatários ou companheiros da sua ocupação. Diferentemente do cuidado com as coisas, o cuidado do homem com os outros homens se dá pela pré-ocupação, que se dá em diferentes modos. Na maior parte

⁵ Há divergência entre tradutores da obra *Ser e Tempo* quanto a essa diferenciação. Há quem a mantenha, como Márcia Sá Cavalcante; e há quem use cura como sinônimo de cuidado, como Fausto Castilho.

das vezes ocorre numa forma deficiente, quando o homem está indiferente ao outro homem, na sua habitualidade, na sua impessoalidade.

Heidegger afirma que existem duas formas opostas de pré-ocupação e que as inúmeras formas de pré-ocupação se definem dentro do *continuum* dessas formas opostas. Uma delas é a pré-ocupação substitutiva na qual o homem traz para si a realização da tarefa de outro homem e a devolve pronta. A outra forma é a pré-ocupação antecipatória, na qual é possível antecipar-se ao outro e entregar o que foi antecipado para que ele decida, para que ele se aproprie da sua tarefa e se encarregue de si. Essa é a modalidade da preocupação que o fazer terapêutico requer do daseinsanalista.

Pompeia explicita o significado da palavra *poiesis*. Mostra que se refere a desocultamento e se trata de uma linguagem. *Poiesis* não é, portanto, uma linguagem que almeja o horizonte de novos significados. Ao contrário, busca o que já existe, mas que ainda não se fez presente. *Poiesis* traz à luz o encoberto.

Pompeia (2000, p. 26) diz também: *pela verdade que liberta*⁶. Para o autor a verdade que liberta não é a verdade véritas, a verdade que pode ser verificada, que necessita de comprovação. A verdade que liberta é a *aletheia*, que significa “o não esquecido”, portanto, o recordado. Re-cordar é pôr o coração novamente no que estava afastado, encoberto. Portanto, a verdade *aletheia* é simplesmente uma constatação do significado do vivido e não algo racionalmente analisável. *Aletheia* é. Sem necessidade de replicação e de comprovação. Por ser, essa verdade é libertadora, pois só deixa de ser aquilo que é. *Aletheia* abre a possibilidade de transformação.

Contudo, Pompeia (2000, p. 25) fala de uma outra liberdade, a liberdade em relação ao sintoma: “A descoberta da verdade liberta o paciente do jugo do sintoma”. Entendemos sintoma como a repetição do vivido à espera de significação. A libertação a que Pompeia se refere remete à necessidade de explicitação do significado e sentido do sintoma. Quando ocorre uma situação de vida que não se consegue entender e, então, permanece sem significado, ela se repetirá - não necessariamente do mesmo modo vivido originalmente. E se repetirá até que seu significado seja compreendido. Quando a verdade

⁶ Grifo nosso

aletheia se dá, quando o significado do vivido é desocultado, a experiência pode ser temporalizada, pode repousar no instante do seu acontecimento, porque é incorporada na historicidade do *Dasein* com seu significado recordado. A repetição é uma possibilidade de encontrar o significado e sentido do vivido. Quando estes se fazem presentes, a repetição - o sintoma - pode então desaparecer, pois já não tem mais função.

A descoberta da verdade liberta *para a dedicação ao sentido* (Pompeia, 2000, p.29). Liberar-se dos sintomas, não mais necessitar de repetições abre a possibilidade para o paciente caminhar em direção aos seus propósitos de futuro. Desocultar o sentido liberta o paciente para que possa caminhar no presente em direção ao futuro apontado pelo sentido. Podemos dizer que a busca pela verdade *aletheia*, aquela onde se põs o coração, tem o sentido dessa libertação, tem esse propósito. É esse propósito que resgata a *aletheia* por meio da *poiesis*.

Muitas vezes, em todo atendimento psicoterápico, ocorrem sessões em que o paciente parece falar para si mesmo, como se recordasse acontecimentos passados. Parece nem notar a presença do terapeuta, que cumpre o importante papel de testemunha e de se dispor como um lugar para que o paciente possa ser. É como se simplesmente ouvindo o que está sendo desocultado, o terapeuta confirmasse a existência do que foi dito. Ocorre com frequência, sem interferência do terapeuta, a manifestação da palavra bendita, aquela que revela o significado do vivido. E o paciente se liberta através da palavra e pode, finalmente, datar o vivido agora compreendido e deixá-lo no passado e disponível na memória para seus propósitos de futuro.

A verdade *aletheia*, desvelada através da palavra, via *poiesis*, cumpre o que Bueno (1995, p.17-20) expressa na poesia Ode I: que cabe ao *Dasein* desvelar o mundo e a si mesmo em suas possibilidades de significado e sentido, por meio da linguagem, da fala. O *Dasein* é uma abertura que a tudo acolhe e compreende.

Ode I

*Caminhando na noite, mais centrado que um poço, sem saber até quando
Agora, quando as multidões já não são um espelho infiel,
Como nos fica claro que tudo nos dá as costas.
O vácuo noturno, como um hausto estrelado, nos dá as costas,
O espaço entre as casas, o corredor que o acaso ergueu para nós*

*Em sobrevivência e pedra,
 Nos dá as costas,
 Os habitantes presentes, os habitantes extintos, os futuros que não lançaram um vagido
 Nos dão as costas,
 E nós mesmos, nós mesmos a nos deixarmos a cada segundo,
 Nós mesmos, o ouvido esquecido no último estalar de nossos pés nas lajes,
 Nos damos as costas.*

*Senhor, que procuras aqui?
 Não, não é aqui a sua casa.*

*...Criança perdida dos pais às seis horas entre os vidros comerciais, após ter fugido deles apenas por brincadeira,
 Velho escleroso que saiu despercebido de casa, sem se lembrar do nome ou da casa,
 Cachorro que escapou pelo portão, e por estar mal de faro ou da alma não reencontrou o caminho,
 Bonequinho de borracha flutuante que uma onda arrancou das mãos do menino,
 E agora navega, inafundável, sabe-se lá por que vasto oceano,
 Pássaro que se soltou da corrente, atônito e faminto nas árvores de um terreno baldio...*

*Não, senhor, não é aqui sua casa.
 Não se lembra do bairro, o nome do seu filho, sua filha?
 Qual o seu, pelo menos?*

*Calma, olhemos as flores.
 Doce pilosidade da terra, com um corpo mais sutil e mais vasto na carne levíssima da noite,
 Felizes vocês, estrelas do mar da argila,
 Diademas radiados de um imperador antigo que se chama chão,
 Raios de Moisés de um profeta que é um torrão de barro,
 Astros pontiagudos da touca do pó...*

*Felizes vocês, a quem nada volta as costas,
 Vocês, que são as próprias costas, e a frente e o centro,
 Derivação absurda de um não-ser cheio de formas,
 Corpo sem alma, do qual a alma somos nós, vagando, como um sonâmbulo pelo infinito,
 Espera alucinada de algum limite que nunca existiu.*

*Talvez seja melhor ligar para a polícia.
 Sua idade ao menos, o senhor lembra, por favor?*

*E lá na esquina, no entanto, as grandes torres que ficam.
 As janelas sem um olhar, as altas portas trancadas.
 O vento que arranca as pétalas felizes não as abala,
 Elas que são fixas como um triunfo, um fundamento que nos detivesse.
 Ah! se os sinos tocassem em plena madrugada, sem mão nenhuma os tangendo,
 Se as portas se escancarassem pela própria vontade, mostrando que uma alma incipiente invadiu a matéria,
 Se todo corpo inútil, imensamente sem alma, do universo inteiro se aproximasse de nós,
 Quebrando o isolamento eterno, as costas, as costas voltadas,
 Se as árvores se arrancassem do chão, e claudicando sobre as raízes dançassem nas praças,
 De mãos dadas, soltando os cabelos ao vento, e cantando pelos ocos hiantes,
 Se os astros no céu formassem desenhos, escrevessem legendas de luz,
 Se as pedras das ruas se soltassem por sua própria vontade,
 E os postes vagassem como holofotes preocupados pelos caminhos sem volta,
 Se tudo fosse a alma que somos, o espelho da Natureza, e não só a nós coubesse o terrível serviço,
 Entre as ondas que vomitassem poemas e as estrelas pintoras
 Gritaríamos então que chegara a verdade,
 Tão absurda quanto a outra, menos que a outra, a verdade;
 E o tempo não nos separaria de tudo que não somos nós
 Arrancando-nos de nós, para que não nos confundamos, nem conosco,
 Pois a própria consciência corrói o imponderável ser, maior que ela...*

Em que cidade o senhor nasceu, aqui, nesta mesma?

*E assim vamos de novo. As pedras estão tranquilas.
Nada se moveu. O rio continua a correr. Os astros admiram distantes.
As árvores não dançaram. Não recitaram as ondas. O pacto permanece.
Tudo nos volta as costas. Tudo é costas. E enquanto isso os insetos
Morrem na noite quase como uma felicidade,
Sem nome e sem dor, os insetos perfeitos.*

*As torres apontam para o céu. Um grande espírito petrificou-se.
Maior que os cegos que se masturbam nas quinas, mais indiferente
Que os loucos que constroem sobre a areia, mais endurecido
Que os pescoços dos que não erguem mais o olhar, que os triunfadores que não param,
Cada pináculo se cumpre, indica e nos espreita.
E, no entanto, os cães, outros os mesmos, latem, latem, como nossa vagante coração.*

*Ah! esse rio que corre na terra e sem ela.
Calma, senhor, a qualquer momento lembrarás teu nome.*

Se, como diz Bueno (1995), a nós cabe “o terrível serviço”, o de acolher e desvelar o significado do mundo através da linguagem, acrescento que a terapia tem nesse serviço a sua razão de ser, a sua tarefa primeira: desvelar o significado e o sentido do vivido, para libertá-lo do-que-não-tem-nome e possibilitar a busca de e a entrega a um sentido próprio, pessoal. Para isso, a terapia daseinsanalítica desenvolve um método psicoterápico capaz de possibilitar o acesso ao significado e ao sentido do vivido, para que o não esquecido retorne à presença e possa ser ressignificado de modo próprio pelo paciente e o liberte das repetições (sintomas). Para tanto, o terapeuta, em seu serviço, ocupa um papel muito especial, que permite a emergência do ser da vivência do paciente: a aceitação.

A Fenomenologia tem algumas diferenças em relação a outros projetos filosóficos nos quais se baseiam diversas teorias psicológicas. Um exemplo dessas diferenças é a importante dimensão do propósito na ocupação compreensiva. Um dos fundamentos da Fenomenologia, uma das suas proposições básicas é a de que todo ato é propositado. Então, o tempo mais importante, aquele que faz com que algo ocorra, é o futuro, enquanto em outras abordagens psicoterápicas, fundamentadas em outros projetos filosóficos, é o passado que determina a ocorrência de algo. Quando o passado é entendido como causa, o que é veio a ser, chegou a ser, determinado pelo passado, pela história, como diz Van Den Berg (2000). Ora, para a Fenomenologia o passado dá as condições necessárias para a ocorrência de algo. Mas se não houver propósito futuro nada acontecerá. O propósito é

o *para que*⁷ daquilo que fazemos quando nos ocupamos. Assim como a causa, o propósito é uma dimensão do fazer. Ambos são necessários para que algo aconteça e estão presentes no entendimento das razões pelas quais somos o que somos, fazemos o que fazemos, pensamos o que pensamos, sentimos o que sentimos.

Há um outro aspecto importante quando falamos em entendimento no processo terapêutico daseinsanalítico: se um terapeuta compreende seu paciente a partir de um lugar prévio, de um ponto de vista prévio, com uma concepção prévia, fica claro que não existem dois terapeutas que olhem da mesma maneira para um paciente. A partir dessa postura, ambos terapeutas partiriam de um lugar de interesse para entender seu paciente, de um ponto de vista sem julgamento, aceitando e considerando seu modo de ser e com o propósito de possibilitar a ampliação do autoconhecimento desse paciente.

O método daseinsanalítico não é uma técnica a ser replicada por todos os terapeutas. Ele propõe uma aproximação compreensiva das vivências do paciente, com o propósito de explicitar seus significados e sentidos. Não aqueles que ocorrem na individualidade do terapeuta, mas significados e sentidos que o paciente vive, desocultados pela *poiesis*. O respeito à singularidade do universo de sentidos e significados do paciente (seu mundo) é fundamental para a daseinsanálise.

Entender um paciente sem uma teoria psicológica pré-concebida não significa partir do zero, mas sim voltar o olhar para o paciente e utilizar sua fala como ponto de partida e de chegada para o desenvolvimento de uma compreensão a seu respeito a partir do método daseinsanalítico.

Boss (1963, p. 260), comentando Freud, escreve:

Para estimular a receptividade do médico ao "o quê" e ao "como" do paciente, Freud tinha outra recomendação prática: durante a terapia, o médico deve assumir uma postura completamente livre de qualquer intenção, de toda ambição terapêutica, educacional e científica. A arte da terapia consiste em dar atenção cuidadosa a "o que" o paciente visualiza e a "como" ele se comporta em relação a isso. Sem essa atenção, o terapeuta não pode estar continuamente apontando para os limites patológicos do reino de abertura disponível para o paciente, nem as limitações nas próprias maneiras do paciente de responder ao que é capaz de entrar no reino aberto da consciência de sua existência.

⁷ Grifo nosso.

A máxima da Fenomenologia, postulada por Husserl, é voltar às coisas elas mesmas. No caso da terapia isso significa priorizar o que o paciente nos fala partindo da sua própria maneira de entender o que diz. O entendimento terapêutico busca disponibilizar ao autoconhecimento do paciente a ampliação do horizonte de significados do que ele traz a cada sessão. Através de afirmações e, principalmente, de perguntas.

Acolhimento, aceitação e entendimento são atitudes que envolvem uma solicitude e dedicação ao paciente que os denominei de amor terapêutico. Essas atitudes compõem a postura terapêutica, ou seja, o lugar terapêutico. A prática do amor terapêutico é pura disponibilidade e doação e exige do terapeuta o exercício das suas melhores características pessoais. Neste trabalho nos ocuparemos em compreender e fundamentar a aceitação como ponto de partida do contato terapêutico.

Uma das maiores dificuldades encontradas nesse caminho é ater-se ao propósito terapêutico. Muitas abordagens psicoterápicas, inclusive a daseinsanalítica, afirmam a intenção de ajudar o paciente a ampliar seu autoconhecimento. Mas é muito difícil abdicar de querer pelo paciente, de que ele faça isso ou aquilo, que pense de maneira diferente da que está pensando, que não sofra tanto, que sinta e perceba de outra forma e modifique sua relação consigo mesmo e com os outros. Por isso, a aceitação, que integra o amor terapêutico que constitui a postura do daseinsanalista merecem maior atenção.

Cardinalli (2005, p. 61), nos diz:

A prática terapêutica daseinsanalítica exige do analista especialmente um desprendimento de si e um acolhimento ao paciente. (...) Todas as possibilidades do paciente devem ter uma chance de emergir e não devem considerar as ideias, desejos ou julgamentos pessoais do analista.

Nesta fala, Cardinalli nomeia a aceitação como acolhimento. Embora com nomes diferentes, refere-se à mesma atitude: a de não julgar, a de permitir que emerja o ser da vivência do paciente.

Em outra publicação, afirma que:

....o terapeuta, ao buscar a compreensão da existência do paciente a partir dela própria, também solicita que o próprio paciente perceba *o que e como* está vivendo, o que pode favorecer a aproximação do paciente consigo mesmo e com o seu modo de viver e, também, permitir que o paciente seja, pelo menos na situação terapêutica, de acordo com a maneira que corresponde à sua própria maneira de viver. O “modo de “existir” do paciente é, então, preservado e

respeitado e sentindo-se aceito, ele pode assumir o risco de se compreender. (CARDINALLI, 2000, p. 13, grifo do autor)

As palavras de Cardinalli explicitam que para a *dasein* análise é este homem concreto, em sua existência, com suas dores e alegrias que é considerado e cuidado para que possa entrar em contato com seu próprio modo de ser, conhecê-lo e, se quiser, modificá-lo. Não se trata, portanto, de encaixá-lo em algum conceito existencial. Mostra também que é através da aceitação plena do que ele é por parte do terapeuta que ele, paciente, pode arriscar-se na possibilidade de compreender-se.

O querer terapêutico é aceitar, acolher e entender. Apenas isso. Ou tudo isso. Dar o testemunho compreensivo da existência que a ele se apresenta. Entendê-la e propiciar o autoconhecimento, que é a expressão do querer terapêutico. Martin Heidegger afirma que a compreensão (que é o fundamento ontológico do entendimento terapêutico) é parte da abertura existencial do *Dasein*, ou seja, por ser no mundo e ser tocado por ele, o *Dasein* desde sempre e em cada situação particular, entende. Por exemplo, muitas vezes ouvimos um paciente relatar vários acontecimentos de sua vida e todo o seu relato é feito a partir do ponto de vista da injustiça, a partir do lugar de vítima. Um lugar de quem vive como consequência da ação dos outros sobre si, com o propósito de atribuir aos outros a responsabilidade sobre seu estado. Ele se compreende a partir desse ponto de vista e se mantém nesse lugar, com esse propósito. Está assim, aprisionado e impotente e se torna trabalho do terapeuta ajudar esse paciente a compreender como ele compreende seu mundo, como se posiciona nas suas relações, como se manifesta sua abertura. Talvez ele se mantenha nessa posição pois compreende o mundo como um lugar onde certamente receberá uma punição caso erre, fazendo com que se proteja com a estratégia de não se responsabilizar por si mesmo. Talvez ele se mantenha nessa posição porque o peso da responsabilidade sobre si mesmo é tamanho que não se considera capaz de arcar com ela e teme se prejudicar. Talvez, ao compreender seu posicionamento no mundo, mude essa forma e assuma o encargo e a responsabilidade sobre seus atos. Essas diferentes hipóteses igualmente possíveis mostram a necessidade de ter o paciente como referência para a compreensão. Em todas essas hipóteses o propósito do terapeuta é possibilitar ao paciente o entendimento de si mesmo e respeitar qualquer escolha que fizer.

O trabalho do terapeuta, o serviço que presta ao paciente, está em ajudá-lo a entender seu modo de ser, seu estado de humor, seus propósitos, o lugar que ocupa nas diferentes situações de vida, seu ponto de vista a partir do qual entende suas relações. É preciso que o terapeuta se abstenha do desejo de modificar o paciente e aceite seu lugar de proporcionar a ele um maior autoconhecimento. É necessário que o aceite integralmente. Pode parecer pouco, pode parecer impotência, mas não é. Quando o paciente é capaz de entender como se dá suas relações com as diferentes dimensões da sua vida, abrem-se outras possibilidades de ser e ele estará livre para escolher.

Cardinalli (2000, p.12) afirma que “O foco da situação terapêutica é o modo de existir de uma determinada pessoa, isto é, o modo como essa pessoa está se relacionando consigo mesma, com os outros e com o mundo”.

E por ser assim a postura terapêutica é que o ritmo do processo de autoconhecimento do paciente é sempre ditado por ele. Cabe ao terapeuta, sessão após sessão, aceitar o que o paciente apresenta e, assim, ajudá-lo a dar-se conta do significado e sentido das vivências que traz à terapia. Esse dar-se conta é a base da liberdade terapêutica, é a *verdade que liberta*, nas palavras de Pompeia (2000, p.26).

Há uma frase óbvia, porém significativa, que diz: "só deixa de ser aquilo que é". Apenas quando algum aspecto da vida se torna verdadeiro ao paciente - quando é desvelado pela *poiesis*, está presente e é por ele entendido em sua totalidade - que podem aparecer inúmeras possibilidades alternativas de ser. O trabalho terapêutico é cooperar nesse autoconhecimento. Não é o de escolher pelo paciente e para o paciente, mas o de proporcionar, através da aceitação, que propicia a emergência do significado e sentido do vivido pelo paciente, outras possibilidades de ser para uma ressignificação mais própria da sua vivência. Esse é o lugar que compete ao terapeuta ocupar.

4. ACEITAÇÃO E LUGAR TERAPÊUTICO

O lugar terapêutico refere-se à postura do terapeuta diante do seu paciente. Portanto, ele ocorre na relação terapêutica e tem sua constituição em três atitudes que o fundamentam: a aceitação, o acolhimento e o entendimento. Iremos neste capítulo explicitar o significado e o sentido de uma dessas atitudes, a aceitação.

Medard Boss (1963, p. 257) explicita que a relação entre paciente e analista é o lócus terapêutico, ou seja, o lugar hermenêutico onde a terapia se dá e realiza seu propósito. E que essa relação se dá como qualquer relação propositada entre pessoas. Ora, na terapia as pessoas se reúnem com o objetivo de ampliar o autoconhecimento do paciente. Nesse sentido, a *dasein* análise não se diferencia das formas tradicionais de terapia.

No entanto, a maneira de entender o ser humano, não mais como um sujeito que se relaciona com o que ele não é, mas como um ser-no-mundo, constituído por e constituinte desse mundo, modifica a postura terapêutica e a maneira de lidar com as vivências que o paciente traz às sessões. Diz Boss (1963, p.271):

... os seres humanos estão inerentemente envolvidos na relação com qualquer fenômeno que os direcione a partir de suas localizações no mundo humano e existam como esses relacionamentos de percepção e resposta. Mas o modo humano de morar no mundo está constantemente afinado com um estado de espírito ou outro, sendo a afinação uma das características básicas, um dos Existenciais, da natureza humana.

Essa afinação “com um estado de espírito ou outro” é o estar sempre numa ou noutra disposição afetiva. A disposição afetiva é um existencial e compõe a abertura e o “aí” onde tudo o que vem ao encontro, o seu mundo, é acolhido e significado. O ser humano, desde sempre, entende de algum modo, tudo o que dele se aproxima. E entende primariamente através de como é tocado pelo que dele se aproxima. Esse contato elicia no *Dasein* determinada disposição afetiva que propiciará e comporá uma pré-compreensão do fenômeno. E como *Dasein* é no mundo, sempre sendo tocado pelo que dele se aproxima, *Dasein* está sempre afinado com alguma disposição afetiva.

A frase de Boss (1963, p. 271):

Se as pessoas sempre mostram e experimentam uma afinação particular, um acento emocional especial em seus encontros com quaisquer fenômenos, elas devem fazer isso também em seus encontros com outros seres humanos, não importa onde esse estar-junto ocorra.

mostra que todo homem vive, a cada momento e sempre, uma disposição afetiva. Mas também, a cada momento e sempre, todo homem está vivendo algum significado e com um propósito. Assim também nosso paciente, quando o encontramos. Nosso trabalho é, a cada sessão, ajudá-lo a desvelar o significado e o sentido da vivência presente a cada encontro terapêutico.

Para que o objetivo da terapia (auxiliar a pessoa no entendimento do seu modo de ser) se mostre possível é necessário que tomemos uma atitude particular, a da aceitação, a partir da qual possamos estabelecer uma relação de confiança e cuidado com o paciente.

Penso que meu poema O Terapeuta (PEROSA, 2002, p.99) busca poeticamente mostrar esse lugar.

O Terapeuta

Para René Magritte

*Há um nada no peito
Que nada quer e a tudo acolhe.*

*Sou e não sou
Apenas testemunho.
Meu poder está em ser nada e nada querer.*

*Projetos, memórias
Unhas, traços, gestos
Passam em busca de um nome
E reverberam seu modo de ser
Na minha atenção.*

*Piadas, enigmas, casos,
Longas histórias sei contar.
Não as recolho intencionalmente:
Caminho dentro das horas.*

*Vivo no tempo.
O sem tempo é que habita em mim.*

Amo.

Gostaria de ressaltar os versos dessa poesia, no sentido da explicitação da aceitação.

*Há um nada no peito
Que nada quer e a tudo acolhe*

O que há no peito é uma solicitude, uma disponibilidade para o outro, feito de aceitação, sem querer. É através da disposição afetiva da serenidade que o terapeuta está livre para observar, para acolher, para compreender seu paciente. O nada desse verso não é ausência de mim, mas o conjunto de possibilidades de significado disponíveis para o compreender.

Sou e não sou: apenas testemunho

Sou e não sou: todo meu ser-aí está voltado à explicitação do modo-de-ser do paciente. Não se refere à minha pessoa, eu me disponibilizo a testemunhar significado e sentido da vivência do paciente.

Meu poder está em ser nada e nada querer

Há um enorme poder em nada ser e nada querer na relação terapêutica. É o poder de possibilitar ao paciente ser si mesmo, o poder da aceitação. A relação, a partir dessa atitude terapêutica transforma-se num aí que propicia a emergência do ser do que está sendo vivido.

*Projetos, memórias,
Unhas, traços, gestos
Passam em busca de um nome
E reverberam seu modo de ser
Na minha atenção*

Minha atenção focada, minha disponibilidade para o outro, minha abertura possibilita ser tocado e, junto com o paciente, buscar um nome para o vivido, buscar a palavra, aquela que retira o vivido do onde-o-que-não-tem-nome e lhe confere o estatuto de existente.

Piadas, enigmas, casos

Longas histórias sei contar.

Não as recolho intencionalmente:

Caminho dentro das horas

Vivo no tempo

O sem tempo é que habita em mim

Não me furto a ser um si mesmo no atendimento. E tudo o que sou está disponibilizado ao objetivo terapêutico (a busca de significado e sentido do vivido). Minha existência epocal é o limite do que sou e sei e está oferecida ao contato terapêutico.

Amo

A disponibilidade para constituir um aí junto com o paciente para que o ser da sua vivência se desvele é o sentido encantado do amor terapêutico.

A aceitação é o ponto de partida do contato terapêutico daseinsanalítico. É componente fundamental do amor terapêutico e exige um desprendimento grande por parte do terapeuta, para pôr-se a serviço da emergência do significado e sentido daquilo que o paciente apresenta a cada sessão.

A seguir, busco a explicitação da fundamentação heideggeriana dessa atitude fundamental.

ACEITAÇÃO

“Diálogo com meu amigo:

P. – Miguel, quanto mais amigo a gente é, mais eu me sinto sozinho.

Miguel – Como? Você se sente sozinho na nossa amizade? Alguma coisa de errado está acontecendo.

P. – Não há nada de errado acontecendo.

Miguel – Não estou entendendo, então.

P. – É que diante de você, eu posso ser tão radicalmente eu mesmo, que me sinto único.”

Respeitar um paciente é aceitar que seja como é. Não se trata de concordar ou não com a maneira de ser do paciente. Trata-se de não o julgar em sua coerência, em seus valores, em seus propósitos.

Uma das condições de respeito terapêutico é deixar o julgamento do lado de fora da relação terapêutica. Se um terapeuta julgar o modo de ser de seu paciente, apenas conseguirá compreendê-lo a partir do ponto de vista do que para ele é certo ou errado, no lugar prévio de juiz, com o propósito de fazer com que o paciente mantenha ou modifique seu modo de ser. Essa compreensão não é terapêutica porque afasta-se do propósito de proporcionar a ampliação do autoconhecimento do paciente. Ela evidencia o terapeuta, seus critérios, seus valores, sua noção de normalidade e patologia e não revela o paciente em sua individualidade, em sua singularidade. O terapeuta se transforma no protagonista da relação. E não é capaz de entender as manifestações do seu paciente como a explicitação do seu modo de ser.

A aceitação é um dos pilares do lugar terapêutico e pode erroneamente ser entendida como concordância ou submissão. Mas aceitar não significa concordar ou submeter-se, significa deixar ser.

O texto abaixo sobre essa disposição terapêutica (de minha autoria), ainda não publicado, tem como título “A Lei da Serenidade”. Trata-se de uma reflexão sobre a aceitação e ao seu fundamento ontológico, a serenidade.

“A palavra aceitação é usada para designar diferentes atitudes. E por ela comportar tanta conotação, gostaria de começar por dizer o que, nesta reflexão, ela não é. Aceitação não é:

- Subserviência cega ou forçada.*
- Resignação*
- Concordância*
- Condição de concordância.*

Aceitação não é, portanto, algo que se dá a partir do conteúdo de um fato. Não se refere a ele, nem ao seu significado. Não se trata de um julgamento ético ou estético do fato.

Aceitação está ligada à existência dos fatos e não ao seu conteúdo. Diante deste, podemos assumir diferentes papéis: de concordância, de confrontação, etc.. Mas diante da existência do fato só nos resta a aceitação. De nada adianta a indignação diante da sua existência.

A existência não se submete a juízo de valor, se é justa ou não. Ela apenas é. É lógica: porque para que um fato exista é necessária uma infinidade de séries de eventos causais, muitas das quais absolutamente independentes entre si, que num determinado ponto do tempo, imbricam-se de tal forma que o fato é apenas a expressão dessa confluência de sequências causais. Mais nada. Portanto, não cabe sequer a questão da justiça.

Guimarães Rosa (1994, p.17) diz: “Por enquanto, que eu penso, tudo quanto há, neste mundo, é porque se merece e carece.” Não só necessário como adequado. Porque se não coubesse em lugar nenhum, se ninguém quisesse, se nem no imaginário da cultura existisse, com certeza não teria acontecido. Mas, se acontece... carece e se merece. Portanto, se houvesse a questão da justiça aplicada à existência dos fatos, a única resposta adequada seria: “Por mais hediondo que seja o fato em si, sua existência é justa”. Pela simples razão de que se existe, todas as condições causais anteriores, necessárias para sua existência, já foram desencadeadas.

Quando não aceitamos a existência de um fato, baseamos nossa recusa em argumentos morais e dizemos: “Isso não devia acontecer”. Invocamos, portanto, o que deveria ser, a dimensão do ideal. E aí nos aprisionamos. Não conseguimos lidar com o real porque é impossível cuidar bem de um fato que não deveria ter acontecido. Só conseguimos olhar para ele do ponto de vista daquilo que ele não é, do que deveria ser. Portanto, não temos oportunidade de entender o que é. E de nos posicionarmos adequadamente diante dele.

Serenidade é aceitação da existência. Essa é a lei da serenidade: “Tudo o que existe, carece e se merece”. Se aceitamos, conseguimos entender. E o fato tem sua real dimensão e aprendemos a lidar com ele. Se não aceitamos sua existência, ficamos prisioneiros da justiça, escravos do ideal. E sofreremos, porque o fato insiste em continuar existindo”.

Heidegger fala de serenidade:

“E – Com efeito, ainda não sei o que significa serenidade; mas suponho vagamente que ela desperta quando ao nosso ser (*Wesen*) lhe é permitido aceder (*zugelassen ist, sich auf das einzulassen*) a algo que não é um querer.” (HEIDEGGER, 2000, p.34, grifo do autor). E complementa (p.43): “O aguardar, tal como proposto, não tem qualquer objeto, simplesmente “aventurar-se no próprio aberto...”

Sá (2017, p.32), comentando o conceito de Serenidade em Heidegger, diz que: “O modo de disposição através do qual somos colocados diante das coisas sem a intervenção do querer é a serenidade”

Assim, serenidade é estar diante do mundo sem a interferência do querer. É um modo de disposição afetiva necessário para a construção de uma relação terapêutica de confiança. Mas também é o modo de disposição afetiva que propicia que o ser da vivência do paciente possa emergir, apresentar-se na relação terapêutica e, assim, ser considerado e entendido. A essa postura terapêutica dei o nome de aceitação. Como Cardinalli diz acima, é a aceitação, sem a interferência do querer do terapeuta, sem seu julgamento, é o que permite que o paciente possa ser si mesmo na relação terapêutica e, com isso, abrir-se para compreender a si mesmo.

O conceito de serenidade (uma disposição afetiva) é o fundamento da aceitação. Nesta definição de serenidade não se exclui a existência do querer do terapeuta, o que seria impossível. Mas poder estar diante de seu paciente sem permitir que o seu querer intervenha na relação é o que possibilita ao terapeuta a aceitação integral do modo-de-ser de seu paciente e o seu entendimento.

É preciso lembrar que existe um querer terapêutico que constitui a terapia, (auxiliar na ampliação do autoconhecimento do paciente) e esse objetivo é que norteia a postura terapêutica. Mas justamente esse querer – que se faz presente no acolhimento – solicita o não julgamento, a aceitação do outro tal como ele se mostra ser, para que possa

entrar em contato mais profundo consigo mesmo e alcance o entendimento de si. Assim, a aceitação é pré-requisito para que ocorra o acolhimento. E o precede.

O verso de *O Terapeuta* (acima): “meu poder está em ser nada e nada querer” explicita que o grande poder do terapeuta está na aceitação, no deixar que a vida que está à sua frente se manifeste em toda a sua plenitude, em toda sua dor e glória. Para que isso ocorra não se pode querer pelo paciente, mas aceitá-lo em todas as suas dimensões, com seu sofrimento e sua alegria, com seu tormento e sua paz e entender cada uma das suas partes, na relação com sua totalidade, seu modo de ser.

No trabalho clínico eventualmente terapeuta e paciente encontram-se num momento único, de explicitação do ser de um modo de ser do paciente, emergindo como significado e sentido de uma vivência. Esse instante se dá na absoluta aceitação por parte do terapeuta e da construção com o paciente de um aí onde nenhuma resistência se opõe à emergência do ser, tudo é propício para que ele preencha e se aproprie dessa hora e lugar; e este instante, por seu turno, ganha sentido e se apropria da emergência da compreensão e da interpretação explicitados numa fala, muitas vezes poética (no sentido de desocultação) e afetiva em que tudo se desvela, claro e límpido. O terapeuta, testemunha e partícipe desse momento, percebe-se como construtor desse aí. O paciente, a quem chegou seu próprio ser, sente-se reciprocamente, artífice e lugar onde seu ser se lhe mostra e o mostra em seu ser. Não raro, a relação terapêutica alcança um outro patamar, de confiança e entrega. Essa disponibilidade do terapeuta, essa gratuidade e solicitude são reconhecidos pelo paciente e este frequentemente agradece a serenidade do terapeuta que lhe possibilitou a compreensão de si mesmo. Esses momentos especiais, Borges-Duarte identifica na noção heideggeriana de *Ereignis*. Para a filósofa, este conceito é uma continuidade e uma radicalidade do conceito heideggeriano de cuidado. E Borges-Duarte (2019, p. 34-53) o explicita da seguinte maneira:

... Esse apropriar-se não é um tomar posse, mas um fazer-se próprio para ser em plena autenticidade: ser apropriado. E o ser, de que aqui é questão – o *Worum* –, é o do *Dasein* como ser-aí-com outro no mundo e como ser-o-aí do ser à maneira mais propriamente humana. E é esse encontro cairológico que é *Ereignis*.

Ereignis é o que Borges-Duarte denomina apropriação propícia e que se dá num instante *kairótico* em que ser toma posse do aí e, vice-versa, o aí se apropria do ser. Fazer-

se esse aí propício à emergência do ser é vivido como serenidade e o mútuo apropriar-se como “encontro” onde a compreensão se dá, em que pensamento e disposição afetiva de “deixar ser o ser” são única e a mesma coisa. Heidegger em *Ereignis* mostra como a afetividade, a disposição afetiva não é subsidiária do pensamento, mas lhe oferece o âmbito onde ele se efetivará. Diz Borges-Duarte (2019, p. 34-53):

O acontecimento dessa apropriação recíproca manifesta-se de muitas maneiras: em palavra, gesto, ato, obra. Mas, no último Heidegger, tem a sua máxima expressão naquilo a que chama «pensar»: o «pensar-propício» (*Ereignis-Denken*), aquele que não é calculador nem metafísico, que é «outro» relativamente ao já sido, filosoficamente desenrolado, e que, em última instância, é um gostar (*mögen*) de ser (do ser), que torna possível (*möglich*) e grato (*dankend*) o novo, que só assim pode propiciar-se.

E complementa:

Ora, se o conhecimento começa na compreensão amorosa e se esta irrompe como *Ereignis*, pensar e amar estão vinculados desde o início do tempo do cuidado, cuja facticidade se manifesta sempre no mundo, à maneira do em cada caso meu.

Há uma poesia de Carlos Drummond de Andrade (1979, p. 451) que expressa esse instante propício da emergência do ser. Tem o nome:

Paisagem: Como se Faz

*Esta paisagem? Não existe. Existe espaço
vacante, a semear
de paisagem retrospectiva.*

*A presença das serras, das imbaúbas,
das fontes, que presença?
Tudo é mais tarde.
Vinte anos depois, como nos dramas.*

*Por enquanto o ver não vê; o ver recolhe
fibrilhas de caminho, de horizonte,
e nem percebe que as recolhe
para um dia tecer tapeçarias
que são fotografias
de impercebida terra visitada.*

*A paisagem vai ser. Agora é um branco
a tingir-se de verde, marrom, cinza,
mas a cor não se prende a superfícies,
não modela. A pedra só é pedra
no amadurecer longínquo.*

*E a água deste riacho
não molha o corpo nu:
molha mais tarde.*

A água é um projeto de viver.

Abrir porteira. Range. Indiferente.

Uma vaca-silêncio. Nem a olho.

*Um dia este silêncio vaca, este ranger
baterão em mim, perfeitos,*

existentes de frente,

de costas, de perfil,

tangibilíssimos. Alguém pergunta ao lado:

O que há com você?

E não há nada

senão o som-porteira, a vaca silenciosa.

Paisagem, país

feito de pensamento da paisagem,

na criativa distância espacitempo,

à margem de gravuras, documentos,

quando as coisas existem com violência

mais do que existimos: nos povoam

e nos olham, nos fixam. Contemplados,

submissos, delas somos pasto

somos a paisagem da paisagem.

Ereignis, este instante propício em que há a emergência do ser no aí, é fundado na serenidade, que na relação terapêutica se dá na aceitação.

Mas se a aceitação tem seu fundamento fático na serenidade, busca na própria fenomenologia seu fundamento ontológico. É no estar diante do fenômeno que desvela seu significado e sentido em seu acontecer que a aceitação se funda ontologicamente. Há em de Boss (2002, p. 14) uma passagem no relato de um atendimento que mostra vivamente a postura fenomenológica da aceitação.

[...]Tudo que a paciente havia evitado ver até agora se escancarava e lançava o seu olhar para ela, na forma de máscaras “alucinatórias”, ou a espionavam de uma forma “paranoica”, nos mais íntimos esconderijos de sua vida.

Animado pelos entendimentos que ela havia obtido com essas observações, o terapeuta foi capaz de ousar uma nova aproximação para com esta paciente irada que sofria de alucinações. Ele delicadamente lhe disse: “Você está perfeitamente certa. Não faz sentido dar a uma realidade prioridade sobre a outra. Seria bastante fútil da nossa parte sustentar que esta mesa diante de nós é mais real do que os seus espiões de motocicletas, simplesmente por eles iludirem a minha percepção e serem perceptíveis apenas a você. Por que não os deixamos se manterem como os fenômenos que revelam ser? Existe apenas uma coisa digna da nossa atenção, que é considerar o sentido daquilo que se desvela para nós. Se você continua encontrando espiões a cada esquina e se um psiquiatra tenta reduzir essas percepções a meras alucinações fictícias ou a invenções da sua imaginação, como projeções do seu inconsciente, então, eu teria que concordar com você plenamente, que ele estaria falando coisas sem sentido, que absolutamente não promovem a nossa compreensão das suas vivências”

É esse olhar fenomenológico que sustenta a aceitação e que tem na serenidade a disposição afetiva com que ela se exerce no contato do *Dasein* com os outros, com as coisas e consigo mesmo. E que, certamente, preside a relação do terapeuta com seu paciente.

4. O EXERCÍCIO DO MÉTODO: ANÁLISE DE EXEMPLOS DE ACEITAÇÃO

O método empregado nesta dissertação é o da hermenêutica fenomenológica. Isso significa que o que se busca é desvelar o significado e o sentido das vivências presentes nos relatos de sessões extraídas do meu livro *Histórias de uma Supervisão*. Mas através desse exercício compreensivo, também se busca a compreensão da atitude terapêutica da aceitação. Por isso, busco neste capítulo exemplificá-lo analisando sessões de atendimento daseinsanalítico, explicitando a aceitação através das atitudes do analista bem como no aproximar-se do paciente com o propósito de desvelar significado e sentido da sua vivência, dentro da relação terapêutica.

Heidegger (2017, p. 409), afirma que “[...]Dizer que um ente tem sentido significa que ele se tornou acessível em seu ser, que só então, projetado em seu com-vistas-ao-que, ele propriamente ‘tem sentido’.”

Comentando essa observação, Colpo (2019, p.51) afirma que o que se visa na investigação fenomenológica é “o ser dos entes, o seu sentido” e que esta é a questão central do método fenomenológico hermenêutico. Diz:

Nestes termos, o “ser” enquanto abertura compreensiva de um determinado ente revela-se, é presentificado (desvelado), enquanto o sentido deverá ser investigado, aproximado: esta é a natureza da fenomenologia hermenêutica sustentada pelo pensador. Tal hermenêutica, tal ofício de interpretação deverá se ater à própria faticidade da existência, ou seja, ao âmbito daquilo que é dado ao ser-aí e à sua liberdade de escolha, constituindo um caminho, um percurso (sentido). Essa hermenêutica não se sustenta por uma teoria prévia ou por uma concepção prévia, cujos sentidos lhe são endereçados.

Assim, o ser se revela no âmbito da aceitação e precede a busca de sentido. Este se presentificará à medida em que se proceda uma investigação da existência fática, daquilo que se faz presente e se elabora como um projeto, na direção de um vir-a-ser.

Na prática clínica, assim como na pesquisa fenomenológica existencial busca-se o significado e o sentido do fenômeno. O significado se apresenta no próprio acontecimento do fenômeno. O sentido deve ser buscado na contextualização da

ocorrência do significado. Dias (2017) apud Colpo (2019, p. 50) esclarece essa diferenciação:

Sentido e significado são termos essenciais para dois campos dos estudos linguísticos: a semântica e a pragmática. Na realidade tanto uma como a outra se definem como ciências que estudam a significação, isto é, o ato de significar. Em latim, significar era dar a entender por meio de sinais. As línguas são muito mais complexas do que aquilo que tratamos como sinais (sinais de trânsitos, sinais de alerta, acenos). Por esse motivo o estudo da significação apresenta várias facetas. Observemos, por exemplo, a frase a seguir: “Amanhã será um novo dia”. De um ponto de vista estrito, o significado da palavra amanhã já dá a entender que se trata necessariamente de um dia diferente do de hoje, caso o nosso referencial seja a cronologia. Desse ponto de vista poderíamos até afirmar que essa frase é redundante, pois amanhã só pode ser um novo dia. E, se é redundante, é desnecessária na perspectiva lógica. De um ponto de vista mais amplo, podemos compreender a anunciação daquela frase de um outro referencial. Para isso não vamos ficar restritos ao significado de amanhã. Ao contrário, vamos buscar sentidos para a frase como um todo. Assim, se o meu referencial é a carga negativa do dia de hoje marcado por sofrimento e infelicidade, por exemplo, eu vislumbro o dia de amanhã a partir de um alento, na esperança de que ele seja o oposto do dia de hoje. Sendo assim, afirmar que amanhã será um novo dia significa afirmar a crença em um amanhã feliz. Podemos extrair dessa breve análise duas visões de significação. A primeira é aquela que partimos do significado dicionarizado de uma palavra ou grupo de palavras para entender a sequência construída com ela ou com o grupo. Na segunda visão partimos do sentido que um enunciado adquire quando observamos aspectos como: quem disse o enunciado; em que circunstâncias; com que objetivo. A semântica de linha teórica formal estuda a significação analisando as relações de significado. A pragmática e a semântica da anunciação também estudam a significação, mas buscam compreender os sentidos e sua condição de produção.

Na prática psicoterápica daseinsanalítica também se busca explicitar a significação, e então se busca o sentido, nas condições em que ele foi engendrado. Assim, a prática clínica e a reflexão teórica lançam mão, na fenomenologia, do mesmo método hermenêutico.

Primeiro o “ser”, aquilo que se mostra no acontecimento e em seguida, a busca de sentido, a busca do com-vistas-ao-que. Para isso, se busca as condições de produção, as circunstâncias, para desvelar o propósito com que aquele significado se presentificou. Trata-se de uma tarefa metodológica e não de uma teoria psicológica explicativa. Por isso, muitas vezes, a descoberta de sentido do que viveu o paciente é frequentemente uma surpresa tanto para o analista quanto para o paciente.

Foi esse trabalho que procurei fazer nesta dissertação ao buscar explicitar o que significa a aceitação e qual o seu sentido. E foi esse mesmo trabalho que foi realizado nas sessões de daseinsanálise que transcrevo a seguir: a emergência do sentido da experiência vivida, a partir da aceitação.

Todas as sessões que trago a seguir fazem parte do livro *Histórias de uma Supervisão* (PUCCI e PEROSA, 2018)⁸. Nelas, todos os pacientes ou se chamam Mario ou se chamam Marina. Este é um dos procedimentos utilizados para não se identificar os pacientes, já que essas sessões presentes no livro são verdadeiras, realmente aconteceram.

No livro, há a descrição de uma sessão terapêutica (PUCCI e PEROSA, 2018, p. 41 - 42) que tem o sentido da aceitação, em que se pode estabelecer esse espaço conjunto, esse “pedaço de mundo compartilhado em que o ser pode se desvelar”, como diz Irene Borges-Duarte (2019, p.34-53). Porque é a partir da aceitação que se constrói a relação terapêutica de confiança em que o paciente pode se desvelar e se compreender. Permita-me reproduzi-la.

O Silêncio

Uma amiga encaminhou sua filha para fazer terapia comigo. Perguntei-me, quando soube da indicação, se teria o ímpeto de mostrar serviço de imediato e atropelar a vivência da paciente como já tinha acontecido uma vez. Naquela sessão, também o paciente tinha sido encaminhado por um parente que eu conhecia e me senti na obrigação de, já na primeira sessão, dar conta do sentido da questão que a pessoa me trazia. Foi horrível e serviu-me de alerta para todas as outras vezes em que indicações semelhantes aconteceram.

E Marina chegou para a sua primeira entrevista. Vi-me diante de uma estudante bonita, inteligente, com uma fluência verbal admirável, que mostrava ser uma pessoa extremamente objetiva e prática.

Estava bastante aflita, sentou-se na ponta da poltrona que lhe indiquei, a bolsa sobre as pernas. Perguntei-lhe por que estava procurando um terapeuta e ela desandou a falar sobre a questão que lhe afligia.

Aconteceu então que aquela enorme fluência verbal, que certamente lhe era utilíssima na sua vida prática, não lhe servia em nada naquele momento. Ao contrário, parecia que quanto mais tentava descrever ou explicar objetivamente o que se passava nos seus pensamentos e sentimentos, mais se distanciava do que vivia.

Foi ficando cada vez mais aflita. Queria muito falar de si, precisava falar de si, precisava que eu entendesse o que estava passando, mas não conseguia. À aflição somou-se uma irritação muito grande por sentir-se impotente ao usar sua melhor característica pessoal, o pensamento lógico. Não conseguia entender como agora ela se sentia tão incapaz diante de uma tarefa tão simples: falar qual a razão de querer ou precisar fazer terapia. Nada poderia ser mais lógico.

⁸ Os trechos aqui citados foram revisados em 2021 para esta dissertação

Mas o que Marina estava querendo era muito mais que isso. Buscava ser clara e precisa na descrição do seu íntimo, exigia-se essa clareza. Não era tarefa fácil e passou pela minha cabeça que se conseguisse realizar tal intento provavelmente não precisasse fazer terapia.

À medida em que via crescer sua aflição, foi surgindo em minha memória uma passagem da infância que eu vivia quase todas as tardes com meu pai. Interrompi o fluxo de pensamentos lógicos de Marina e disse:

- Marina, posso falar?

Ela assentiu, aliviada e continuei:

- Estou vendo você ficar cada vez mais aflita e irritada tentando explicar o que te trouxe aqui. E me lembrei de uma história muito antiga que eu vivi com o meu pai. Ele chegava do trabalho todos os dias às cinco da tarde, tomava banho e ia para a varanda da nossa casa, esperar o chamado para o jantar e aproveitar um pouco a aragem do fim de tarde. Eu o acompanhava e ficávamos os dois em silêncio um tempão. Era tão bom. Porque a sensação que tinha era a de que estávamos fazendo uma coisa juntos, o silêncio. Não sei quanto tempo ficávamos assim. Mas eu me sentia acolhido por ele, participando do seu silêncio. Eu queria te propor, então, que você se deitasse no divã e que ficássemos em silêncio juntos.

Ela me olhou um pouco surpresa, mas depois concordou. Deitou-se no divã e ficamos quietos. Então lentamente começou a brotar uma lágrima dos seus olhos, e lhe ofereci um lenço de papel. Ela ficou chorando miúdo, quietinha, foi se encolhendo e ficou assim até o final da sessão.

Conseguimos ficar próximos. Ao final, ela estava mais calma. E ali, sem palavras, acredito que Marina pode entrar em contato consigo mesma, no que foi possível naquele momento.

Durante o tempo em que fizemos terapia, não conversamos mais sobre o que a fez buscar ajuda. Ela já havia me contado. Foi como se me dissesse: "Eu não consigo entrar em contato comigo mesma". Acredito que não falamos mais sobre o assunto porque ela percebeu que eu tinha entendido. Não por acaso, essa dificuldade foi o foco do seu processo.

Na sessão seguinte fizemos o contrato da parte prática da terapia. O outro contrato, aquele que dispõe terapeuta e paciente juntos diante de uma existência, já havia sido celebrado.

Quando da publicação do livro em que esta situação terapêutica se inclui escrevi para a ex-paciente - já havia terminado seu processo há anos e morava em outra cidade - solicitando permissão para a publicação. Demorou quinze dias para responder, período em que fiquei receoso de que não me autorizasse, temerosa de sentir-se exposta. Mas ao final desse tempo ela desculpou-se pelo atraso na resposta. E explicou que não conseguia responder porque a cada vez que lia o relato ela se emocionava e que só depois desse tempo estava escrevendo para logicamente autorizar a publicação e para agradecer o

tempo que fizemos terapia. De fato, nosso contato foi sempre muito delicado e feito de uma confiança enorme de que conseguiríamos fazer aflorar a imensa sensibilidade que Marina havia represado com sua lógica irrepreensível. E esse contato foi significativo justamente porque baseou-se na aceitação, no “estar diante do outro sem a intervenção do querer”

O cuidado é a manutenção do ser. E na terapia ele se expressa na possibilidade de construir junto com o paciente um lugar em que este possa se apresentar. É um contato de muita aceitação. Uma aceitação que se fez entre nós, dela poder ficar quieta, consigo mesma, entrando em contato com sua própria história através da disposição afetiva que abria para a compreensão a memória de tantos fatos e vivências que ao longo do processo terapêutico puderam emergir com calma, com respeito e cuidado. Uma aceitação, de possibilitar que ela entrasse em contato com o que estava vivendo naquele momento e que, mesmo não sendo compartilhado com palavras, pode se fazer presente pelas suas lágrimas, pelo seu corpo se encolhendo e se deixando ser frágil. Nesta primeira sessão, pudemos construir um aí onde ela pode ser, na sua medida e possibilidade, e estar presente nessa nossa construção. Essa sessão foi fundamental para o nosso contato terapêutico que ocorreu em seguida. Por várias vezes, em diferentes sessões, ela me veio à atenção, como uma bússola a me guiar, para permitir que a terapia andasse no ritmo das possibilidades da paciente, para que eu mais perguntasse que falasse, para que eu me abrisse à afinação afetiva e à interpretação que ela trazia às sessões. Para que ela se ouvisse, para que ela se fizesse presente nesse aí feito de confiança que juntos construíamos a cada sessão..

Se, como diz Sá (2017, p. 32) “a serenidade é estar diante das coisas sem a intervenção do querer”, desde a primeira sessão foi essa a disposição afetiva que presidiu a postura do terapeuta. Desde esse primeiro momento de dificuldade em entrar em contato com seus próprios sentimentos, a relação terapêutica foi marcada pela aceitação não só das experiências da paciente, mas do tempo necessário para que o significado e sentido das suas vivências pudessem emergir a seu modo e tempo.

Um outro exemplo (PUCCI e PEROSA, 2018, p. 105 - 108) em que a aceitação se fez presente está nesta sessão que denominei:

A Cachoeira

Juliana: Mario chegou de bom humor à terapia. Deitou-se no divã com um assunto pronto, na ponta da língua, sobre o qual nunca quis falar e entender em profundidade. Disse:

- Sabe, Juliana, a pessoa que mais amei na vida foi Marina. Nós namoramos por dois anos, os dois últimos da faculdade. Éramos colegas e nos víamos todos os dias. Nunca mais senti por outra pessoa o que senti por ela. Nem fiquei tão à vontade com alguém. É estranho: a pessoa mais íntima da minha vida, hoje está distante.

- Você falou pouco da Marina até hoje.

- É que não me sentia pronto. Tinha medo de que fosse me causar muito sofrimento.

- E agora não?

- Pois é, não.

- O que mudou?

- Não sei bem. Neste final de semana eu viajei para Prudentópolis, no Paraná. Tenho um colega de faculdade que é de lá, administra uma empresa familiar e me convidou para visitá-lo. Desde quando nos formamos em administração nunca perdemos o contato. Ele é descendente de ucranianos e a cidade tem muito da cultura de lá.

É um lugar muito bonito e tem uma natureza maravilhosa à sua volta. Tem mais de 100 cachoeiras. Fomos a uma delas, que tem 77 metros de altura. É linda. Quando a avistamos eu me lembrei que a cachoeira que mais me maravilhou foi uma que eu e Marina visitamos juntos. Essa em que estava era quase tão bonita quanto aquela. Você acredita que naquele momento a Marina me ligou do Recife? Queria saber se estava tudo bem, conversar um pouco. E também se poderíamos jantar no domingo em São Paulo porque ela estava embarcando naquele momento. Eu disse a ela onde estava e que havia me lembrado da nossa cachoeira naquele momento. Ela ficou surpresa com a coincidência. Eu também.

Mario respirou um pouco, pensativo. Aguardei. Então ele continuou:

- Não sei se foi a cachoeira de Prudentópolis. Talvez o barulho das águas caindo, aquela coisa majestosa, alta a perder de vista. Foi tão intensa a vista que fiquei envolvido com toda aquela natureza e me esqueci de Marina. Como se a água esvanecendo ao final da cachoeira tivesse tornado etérea minha relação com ela.

Ontem, me lembrando dessa imensa coincidência, achei estranho Marina ter saído tão fácil da minha cabeça. Eu podia pensar que tinha sido um sinal, uma revelação de que ainda temos um laço muito forte. Mas, não. Simplesmente me esqueci. Então me passou pela cabeça que Marina e a nossa cachoeira, e tudo que vivemos juntos com tanta

intensidade, tinham ficado no passado. Que naquele momento do telefonema eu estava no presente, diante de um espetáculo da natureza. Voltei diferente de lá, mais leve.

- Então vocês ainda se falam?

- Sim, quando ela vem para São Paulo, me avisa e procuramos jantar ou almoçar um dia. Eu me dou bem com ela. Nós nos queremos bem. Depois da nossa separação ela voltou para o Recife e se casou por lá. Tem duas crianças lindas. Quando me ligou na cachoeira era para dizer que estaria em São Paulo naquele fim de semana.

- Você disse que nunca se sentiu tão à vontade ao lado de uma mulher quanto ao lado dela.

- É verdade. Você sabe como sempre fui medroso com mulher, com medo de ser submetido por uma namorada. Gato escaldado, né?

- Você fala isso por causa da sua mãe?

- É. Na minha casa, só ela falava o que todo mundo devia ser e fazer. Só ela podia querer. Eu fiquei tímido. Fui me recolhendo em concha, não me deixava ser conhecido por ela, não gostava de atender ao que ela pedia (ou mandava, né?). Desde criança eu travei uma luta desigual com minha mãe poderosa e linda. Não foi fácil. Então, meio por extensão, tenho medo de estabelecer essa luta de sobrevivência, de amor e ódio, com outra mulher que eu ame.

- Mas isso não aconteceu com Marina.

- Não, foi a única mulher ao lado de quem podia ser eu mesmo. Ela me respeitava, me admirava, me desejava. Era muito bom. Não tinha que provar nada a ela. Estava tudo em paz.

- E isso era recíproco?

- Era. Ela era um mulherão, uma nordestina exuberante e ao mesmo tempo delicada. Tinha um bom gosto incrível, tanto é que hoje trabalha numa empresa ligada à moda. Sempre foi muito inteligente e bem-humorada. Eu a admirava muito. E achava que tinha tirado a sorte grande por estarmos namorando.

- E como foi a separação?

- Foi uma coisa gradativa. Quando nos formamos na Administração eu fui imediatamente contratado pela multinacional em que estagiava e ela estava em dúvida sobre qual caminho seguir. Recusou o emprego que lhe ofereceram para dar um tempo para pensar. Eu estava me achando o máximo por ter conseguido um bom salário, trabalhando numa área de meu interesse, a financeira, e ela se tornando cada vez mais insegura. Nós que vivíamos tudo juntos, agora estávamos ficando muito diferentes um do outro. Eu precisando me afirmar profissionalmente e ela se tornando novamente uma adolescente insegura. Ela precisava de alguém paciente ao seu lado. Eu precisava ser incensado. Uma noite, saí do seu apartamento, depois de não termos quase conversado e quando cheguei em casa ela me liga chorando e diz: "acho que acabou, né?" E eu respondi: "acho que sim". E ficamos chorando juntos no telefone por um tempo que me pareceu enorme. E acabou.

- Acabou?

- Pois é, não tinha acabado em mim. Nunca mais me relacionei inteiramente com outra namorada. Marina foi o grande amor da minha vida. Mas agora acabou. Porque chega uma hora em que tudo acaba e essa hora chegou para Marina. Eu me sinto mais

livre, mais disponível. E sabendo que as relações são frágeis, que corro o risco de me perder. Mas estou mais disponível, mais corajoso.

- Parece que você já sabe o significado de Marina na sua vida.

- Sim, ela foi muito importante, talvez a pessoa mais importante da minha vida.

Ela me mostrou que consigo estabelecer uma relação de amor, de intimidade, sem me perder. Foi isso que Marina significou na minha vida. Não é pouca coisa. E sou muito grato a ela. Eu a amarei para sempre.

Mario ficou um longo tempo quieto, respirando lentamente, com os olhos fechados, talvez pensando nesta última frase, forte, que ele disse, como, talvez, um ato de coragem em admitir seu amor a ela, embora agora ela ocupe um lugar na sua história, no seu passado. Então, sentou-se no divã e se levantou.

- Ainda temos alguns minutos - eu disse.

- Acho que está bom por hoje.

Realmente, “estava bom por hoje”. Também eu percebi que não havia mais nada a ser dito. O que ocorreria em Mario nas horas seguintes, como ele me disse depois, foi um silenciar-se diante do significado e sentido descobertos, deixar que eles “arrumassem a casa”.

Mario olha para um quadro que está na parede às minhas costas. Trata-se de uma reprodução d’O Beijo, de Klimt.

- Nossa, eu não havia reparado que eles estão se beijando à beira de um precipício.

- Pois é, Mario, a intimidade é assim.

Ele sorri encabulado e eu digo:

- Mario, você não acha que a cachoeira visitada em companhia dela era mais encantadora que qualquer outra?

- Claro. Eu estava encantado.

Mario foi embora. Eu me sentei na minha poltrona e percebi que estava encantada pela sessão. Dei-me conta, então, que toda a sessão foi sobre encantamento.

Juliana assinala ao paciente que ele nunca havia trazido à terapia seu relacionamento com Marina e ele diz que não estava pronto, que receava sofrer novamente só de entrar em contato com a lembrança de seu grande amor. É um diálogo de constatação, em que não existia em absoluto a obrigação do paciente já ter conversado sobre esse assunto. Os dois sabiam que não existia esse dever e que a terapeuta trabalharia os assuntos que o paciente trouxesse a cada sessão.

A aceitação do que o paciente traz à sessão não se refere apenas aos assuntos que são falados, aos sentimentos que são revividos. Refere-se também ao não-trazer conteúdos que de alguma maneira podem trazer sofrimento e que o paciente prefere,

sabendo disso ou não, omitir no contato terapêutico. O paciente tem direito a manter em segredo qualquer dimensão da sua vida. Chama atenção a naturalidade como se deu a conversa sobre falar ou não falar na sessão. Justamente porque essa liberdade estava implícita e assente na relação terapêutica.

Com esse contato terapêutico feito de aceitação, Mario pode aproximar-se do significado de Marina na sua vida. Foi ela quem mostrou a ele que era possível estabelecer uma relação de afeto com uma mulher sem que tenha que ficar amedrontado com a possibilidade de se submeter aos seus desejos. Esse temor o impedia até aquele momento de tentar se aventurar num novo relacionamento.

Quando o significado e sentido do vivido é entendido por Mario, como que Marina passa a fazer parte da história da vida de Mario. Já não se trata de temer sofrer novamente deixando emergir a memória do que viveram. Não, agora que ele sabe o que significou tudo o que viveram a vivência agora compreendida está aberta à visita, digamos assim. Ela pode ser recordada como um aprendizado, como algo significativo do passado e não como algo que transbordará para o presente e dele tomará posse. E agora, Mario já sabe ser possível se aproximar afetivamente de uma mulher sem se perder na relação.

A relação da terapeuta com Mario mostra que a noção heideggeriana de serenidade é um aventurar-se no aberto, na abertura, sem a intervenção do querer. Portanto, quando Juliana se encontra com Mario para aceitá-lo como é, foi fundamental que tenha aceitado e deixado ser o que Mario apresentava a cada sessão.

E, assim, a seu tempo e hora, Mario pode então dar-se conta de que Marina ficou no seu passado. Ora, uma vivência só pode repousar no instante do seu acontecimento e com isso ter seu lugar na história de vida de uma pessoa, se ela for significada, se conseguir ser compreendida. A dupla compreensão a que Mario chegou, a saber: o significado de Marina na sua vida e por consequência, o fato dela ter ficado no passado (quando o relacionamento aconteceu) libertou-o do risco da repetição e então ele conquista a liberdade e a possibilidade de empreender um novo relacionamento quando a situação se apresentar. Mario liberou o seu futuro, seu poder-ser. A compreensão é o fundamento ontológico do poder-ser. E foi ela que possibilitou a Mario novas possibilidades no futuro.

Toda essa conquista acontece numa relação terapêutica fundada na aceitação, em que ele pode ser a seu tempo e hora, e em que Juliana foi testemunha ativa de uma transformação.

De fato, uma sessão encantada.

Há uma outra sessão que fala de aceitação do tempo do paciente em seu ritmo de aproximação do significado do ser do vivido, das suas possibilidades, dos seus limites, que acredito estar presente no atendimento a seguir (PUCCI e PEROSA, 2018, p. 108 – 113):

Não me vias

Juliana: Mario é um paciente muito sensível, aberto aos acontecimentos à sua volta, atencioso com as pessoas. Eu o atendo há três anos e nesse tempo pudemos estabelecer uma boa relação terapêutica. Não me lembro dele ter faltado a uma única sessão. Tivemos encontros muito bonitos, ele sempre empenhado em se conhecer melhor. O que relato agora para vocês é uma das suas histórias, a que mais me tocou.

Um belo dia Mario chega na sessão e conta que foi assistir a um show de jazz junto com um amigo que conhecia um dos músicos que iriam se apresentar. Ao final do espetáculo, esperaram o grupo sair e foram convidados a jantar com todos. Entre os músicos estava uma cantora muito conhecida, eu a chamarei Marina, que deu em cima dele o jantar inteiro. Queria porque queria levá-lo ao hotel onde estava hospedada. Insistiu tanto, a tal ponto, que ele teve que dizer:

- Olha, Marina, não falta homem na sua cama, não falta mulher na minha. Não me interessa simplesmente transar com você. Quero conhecê-la, quero namorar alguém.

Mario me contou:

- Ela ficou surpresa com o que tinha ouvido, não esperava ouvir isso de um homem e fez um pouco de silêncio e depois disse que não, que namorar é complicado, envolve um compromisso que naquele momento não estava no seu horizonte. Eu disse “que pena”. E ficou por aí.

Dois dias depois ela me liga. Tinha dado meu número para ela. Fiquei surpreso, achava que já tinha desistido de mim. Mas ela disse que queria me ver e marcamos um café às cinco da tarde. Falou que havia pensado em mim esse tempo todo, na minha sinceridade, na minha integridade e achou que valia a pena nos conhecermos melhor. Acho que estamos namorando. Ainda estamos no começo, né? Ela é sensível, criativa, divertida e muito dedicada à profissão. Mas é uma leoa, quer me devorar. É muito fofosa. É legal, eu gosto, não me intimida, não.

Nos meses que se seguiram, Mario estava contente com o relacionamento. Viajava sempre aos finais de semana para encontrá-la onde quer que estivesse. Se estivesse ensaiando, ok, ficava em São Paulo. Se estava em turnê, ia para alguma capital de estado. Gostava das viagens, das novidades, exploravam juntos as cidades. Aproveitava para fazer fotos. Sentia-se em férias com ela. Dizia que a relação era leve e ao mesmo tempo cada vez mais profunda. Repetia muitas vezes como ela dava mostras do seu envolvimento, do seu apreço por ele, como que buscando uma garantia.

Nesse tempo, sua vida profissional seguia bem, com muito trabalho. Mario é fotógrafo. Já me mostrou fotos lindíssimas que vendeu para revistas. Faz projetos visuais

para empresas e ganha bem com esse trabalho. Expõe suas fotos artísticas uma vez por ano.

Depois de um bom tempo, Mario chegou muito triste no consultório. Seu rosto me pareceu caído, como se tivesse envelhecido. Os traços nos cantos da boca voltados para baixo, pálpebras pesadas. Arrastou-se até o divã e se prostrou. Disse:

- Acabou.

- Acabou?

- Acabou. E acabou comigo também. Estou mal, muito mal. Tenho desmarcado compromissos, não consigo tirá-la da cabeça. Aquela leoa fez o que quis de mim.

- Mas o que aconteceu?

- Nada. E tudo. No silêncio mais pesado que vivi na minha vida.

- Nossa, Mario, não estou entendendo..

- Estávamos em Salvador, você sabe que eles estão se apresentando lá. Tínhamos almoçado e voltamos para o quarto do hotel. Era uma tarde clara, quente, o sol iluminava seu corpo na cama, seus pelos brilhavam e eu estava extasiado com sua beleza.

Ela se virou para mim e ficamos nos olhando nos olhos por um tempo enorme. Tempo demais. Queria que não tivéssemos nos olhado tanto. Mas não foi o tempo. Eu que me demorava a perceber ou queria me fazer de cego, não sei. Mas depois desse tempo, meu peito foi se apertando, o encantamento do momento se esfacelando, meus olhos embaçaram e comecei a chorar mudo, sem nenhum som. Uma tristeza infinita foi tomando conta de mim, dela, do quarto, da vida.

Percebi que não era para mim que ela estava olhando, não era uma pessoa específica o homem que estava na cama com ela, não era eu. Era apenas um homem na cama dela, uma presa no seu território para que ela pudesse se deliciar, a leoa.

Ela se deu conta imediatamente do que estava acontecendo comigo. É muito sensível. Ficou petrificada na cama. Não disse uma palavra. Sabia que não tinha sobrado nada de nós dois. Então me levantei, vesti minha roupa, fui até o banheiro, peguei minha escova de dente, minha escova de cabelo, o desodorante, arrumei minha mala com uma calma surpreendente e absurda, sem nenhuma pressa, decidido, determinado. Ela, imóvel.

Saí estranhamente calmo do quarto, fui até o aeroporto, não tinha voo naquela hora para São Paulo, peguei um avião para Brasília e de lá esperei o que foi preciso para chegar em casa.

Queria sair, queria distância. Meus olhos estavam duros, baços, indiferentes. Meus gestos com uma precisão absurda, econômica, perfeita. Fiquei seco por dentro até terça-feira. Hoje é sexta, sim, foi terça quando me permiti sentir novamente. Precisava tirar aquela pedra do peito, estava doendo muito, achava que ia me fazer mal fisicamente. Então, na terça eu escrevi uma poesia e desabei. Fiquei dois dias chorando, enfurnado no meu quarto. Você quer ler?

- Se não se incomodar gostaria que você lesse para mim.

- Não sei se vou conseguir.

Mario tira uma folha de papel do bolso da camisa.

- Dei um título a ela. Chama-se

Não me Vias:

*Não me vias
 Não me vias
 Na verdade
 Havias arrancado dos teus sonhos de felina
 Como a uma concha desnuda
 Perfeita imagem masculina.
 Essa a pérola que encontravas
 No fundo dos meus olhos
 Quando me contemplavas muda.*

*Não me vias
 Não me vias
 E enquanto te embevecias desse jeito
 No meu ninho
 Lentamente perpetravas no meu peito
 Teu espinho.*

*E agora?
 Como te olhar agora?
 Se após este instante de louca lucidez
 Não resta no cansaço da minha retina
 Nenhum traço do que foi uma vez
 A mais inocente imagem feminina.*

Mario dobrou a folha com cuidado e a guardou devagar. Quase não conseguiu ler. Parava, respirava segurando o choro e reiniciava. Foi muito difícil para ele. Eu disse:

- Mario, desculpe dizer, respeito muito seu sofrimento, mas essa poesia é linda.

Ele sorri um pouco e diz:

- É, né? Também gostei. Fala exatamente o que senti naquele quarto em Salvador.

Ficamos em silêncio até o final da sessão num clima de acolhimento e cumplicidade. Mario sabia que a história tinha me tocado, ele a havia repartido comigo. Não precisamos falar mais nada naquela sessão.

O tempo de terapia que se seguiu foi de recolher cacos, de retomar a vida, seus propósitos. Foi um tempo em que paulatinamente ele trouxe para si o que havia dado a Marina, em confiança.

Um dia ele disse:

- Você não acha que meu relacionamento com a Marina tem a ver com a relação com minha mãe?

- Em que sentido?

- Bom, minha mãe sempre foi muito ocupada. Você sabe que ela é uma arquiteta de sucesso e sempre esteve voltada e dedicada ao trabalho. Sua casa e filhos sempre estiveram em segundo plano na sua vida. Quase não nos víamos durante a semana. Sempre me senti desconsiderado, desamparado por ela, você sabe. Então, com a Marina eu também me senti desamparado, desconsiderado como me senti e sinto pela minha mãe.

- Nesse sentido, sim, é idêntico.

- Você sabia disso na época?

- Você falando agora, acho que sim. Essa semelhança estava rondando a gente.

- E por que você não me disse?

Dei uma resposta rápida, muito espontânea, sem pensar:

- Ah, a relação com Marina estava tão bonita...

Mario ficou quieto um tempo, seus olhos marejaram e disse:

- Sabe, todo mundo que sabia do meu namoro com ela, minha família, meus amigos, todos diziam que não ia durar, que os artistas têm muita oferta, que estão permanentemente abertos para uma nova paixão, que eu devia aproveitar enquanto durasse, mas que não tivesse muita esperança. Falavam um monte. E você, Juliana, foi a única pessoa que respeitou meu envolvimento, que levou a sério o que eu estava vivendo.

- Sabe, Mario, se tivesse falado para você dessa semelhança, dessa repetição das suas relações com a figura feminina, o que você estava vivendo seria reduzido a uma mera repetição, eu tiraria a legitimidade dos seus sentimentos e faria você prestar atenção “nas causas”. A gente repete para entender, Mario. E fico contente que você entendeu que na relação com mulheres você sempre espera ser considerado, em qualquer situação. E sempre se sente desconsiderado.

Mario estava muito sensibilizado com o que estávamos conversando. Disse, numa mistura de agradecimento e brincadeira:

- Bom, pelo menos aqui eu sou aceito como sou.

Mario ainda está em terapia. Aos poucos vai conseguindo perceber que se não se considerar jamais irá deixar de depender da consideração das mulheres.

Há um tempo para que a compreensão do paciente se dê. É um tempo de um trabalho de formiguinha, em que cada assunto trazido às sessões deste atendimento, foi emergindo aos poucos em seu significado e sentido. Até que numa determinada hora, num momento de mútua compreensão, o paciente foi capaz de fazer uma síntese dos acontecimentos de uma parte da sua vida e dar-se conta de que um determinado significado está presente e rege sua vivência. Respeitar esse tempo é aceitar a individualidade da busca do paciente pelo autoconhecimento, é aceitar o que se faz presente em cada sessão.

Esse tempo é ditado pelos limites e possibilidades de compreensão do paciente. Aceita-lo em seu ritmo é papel do terapeuta e essa aceitação é condição sine qua non para

que a relação terapêutica seja de confiança em que terapeuta e paciente constituem um lugar hermenêutico onde em algum momento pode emergir o significado e o sentido de uma vivência ou de seu modo de ser.

Nesta sessão, a aceitação acontece de diferentes maneiras: na disponibilidade de Juliana em esperar Mario se aproximar do significado do seu relacionamento com Marina; no silêncio cúmplice e comprometido que fizeram em boa parte da sessão; no não antecipar a repetição do modo de relação que Mario estabelece com a figura feminina. Nesta sessão a aceitação se manifesta em todas essas atitudes da terapeuta, pois nelas estão presentes o tempo todo o deixar-se tocar pela vivência do paciente sem interferência de nenhum propósito pessoal do terapeuta.

Mario chegou praticamente sozinho à conclusão de que sua relação com Marina era uma repetição. Mas foi no interior de uma relação em que ele se sentiu aceito, cuidado e considerado que pode entrar em contato mais profundo consigo mesmo, com seu modo de ser.

Há um relato de terapia que fala sobre aceitação e que tem um valor excepcional pela aprendizagem de humildade e de reflexão sobre o lugar terapêutico que me proporcionou. Além disso, mostra a importância de aceitar o outro como é. Trata-se do atendimento da minha primeira paciente em nossa primeira sessão (PUCCI e PEROSA, 2018, p. 37 – 39). Denominei-o

A Veneziana

Miguel: Marina chegou contente ao atendimento. Já fazia dois meses que havíamos terminado o psicodiagnóstico na Clínica da PUC-SP, no meu último ano de faculdade. E agora iríamos começar a psicoterapia. Seria nossa primeira sessão. Ela nunca havia feito psicoterapia e eu nunca tinha sido terapeuta. Ela contente por ter sido chamada e eu nervoso.

Expliquei a ela a diferença entre o psicodiagnóstico e a psicoterapia. Objetivos diferentes, métodos diferentes. Começaríamos uma nova etapa e ela me pareceu ansiosa por isso.

Marina tinha procurado o serviço de atendimento da PUC-SP por causa de um problema muito específico: ela não piscava mais. Quando dormia, tinha condicionado o hábito de trocar de pálpebra e ora fechava uma delas, ora a outra. Estava prejudicando sua visão, pois suas córneas ficavam ressecadas. Contou que não piscava porque tinha medo de que quando abrisse os olhos depois de piscar iria ver seu avô querido e seu irmão, ambos falecidos. Esse medo fez com que treinasse não piscar os dois olhos ao mesmo tempo.

Estávamos no mês de agosto, naqueles dias fazia muito frio e ventava bastante. A casa em que estava instalada a Clínica Psicológica tinha janelas e portas altas. A sala em que estávamos mantinha as vidraças fechadas, mas as venezianas de madeira permaneciam abertas para permitir a entrada de luz.

Ela começou a atualizar os acontecimentos da sua vida nesse tempo em que não nos vimos e passou bastante tempo a reclamar do autoritarismo de sua mãe.

De repente, uma das venezianas, empurrada pela ventania, fechou com muita força e fez um grande barulho. Ambos levamos o maior susto. Mas notei que o susto de Marina tinha alguma coisa de diferente e perguntei:

- O que foi?

- Não, foi a janela que bateu.

- Mas, o que você achou que era?

- Não, foi a janela.

- Eu sei. Mas você imaginou o quê?

- Eu achei que era o meu irmão.

Talvez porque naquele tempo eu também fizesse estágio em psicodrama, disse a ela:

- Vamos conversar com ele.

- Não, foi a janela - disse entre surpresa e desconcertada.

- Eu sei, mas vamos imaginar que ele estivesse aqui. O que você diria a ele?

- Ah, eu diria que sinto muita saudade dele.
 - E ele, o que responderia?
 - Ah, diria que também sente minha falta.
 - Você gostaria de perguntar alguma coisa para ele, do lugar onde ele está, como ele está?
 - Eu perguntaria se ele está feliz.
 - E o que você acha que ele responderia?
 - Ah, acho que diria que sim. Ele sempre foi alegre.
- À medida em que fazíamos essa conversa imaginária comecei a fazer as vezes do seu irmão e ia respondendo às suas perguntas. Numa bela hora disse, como se fosse ele:
- Bom, Marina, agora eu preciso ir embora.
 - Não vai, não vai, não me deixa sozinha. - Ela desatou num choro incontido e repetia: Eu não quero que você vá embora. Não vai, não vai.
- Então eu me dei conta de repente da razão pela qual Marina tinha parado de piscar. E, surpreso, arrisquei e perguntei a ela:
- Marina, você não quer que eu vá embora?
 - Não quero, não quero, fica comigo, disse ela aos prantos.
 - É por isso que você não pisca mais?
 - É, é, ela respondeu
 - Por que quando abrir os olhos você não vai mais me ver?
- Marina me olhou espantada, soltou um gemido doído, abaixou a cabeça e permaneceu chorando e silenciosa o resto da sessão.
- Acho que ambos estávamos acabados. Eu, pelo menos, saí exausto.
- Naquela noite, Marina dormiu de olhos fechados. Seu problema com o piscar havia acabado.
- Quando, na semana seguinte, contou sua melhora eu me achei o máximo. Havia acabado com o sofrimento dela na primeira sessão. Na minha primeira sessão como terapeuta! Senti-me poderoso, capaz de terminar com qualquer sofrimento que qualquer paciente trouxesse à terapia.
- Ela também me endeusou. Suas expectativas em relação a mim ficaram do tamanho exato da minha onipotência. Apaixonou-se por mim.
- Nos meses que se seguiram até o final do ano a terapia acumulou frustrações de parte a parte e a minha vaidade não permitiu que eu lidasse satisfatoriamente com as questões que ela me trazia. Queria resolver suas questões como da primeira sessão. Ao final, encaminhei Marina para uma colega porque concluí que não estava trabalhando a contento.
- Terminei a faculdade com a certeza de que não estava pronto para o atendimento clínico. Só depois de dois anos me enchi de coragem para iniciar meu trabalho em consultório. Foi uma experiência muito boa e muito difícil.
- Demoraria algum tempo para que eu soubesse que não transformo ninguém, que apenas ofereço condições, através do autoconhecimento proporcionado pelo atendimento clínico, para que as pessoas imprimam modificações em suas vidas.

Ainda na faculdade, fiz um curso extracurricular com um psicanalista argentino, chamado Fernando Ulloa. Em um de nossos encontros ele disse: “*uma interpretação deve ser uma surpresa para o paciente e para o terapeuta*”. Demorei muitos anos para entender o sentido das suas palavras. Fenomenologicamente, penso que uma interpretação é uma elaboração das possibilidades de significado abertas pela compreensão e se dá de modo fático porque tem em vista um propósito, tem um aí e um em-vista-de. E acontece num discurso, numa fala. Vejo aquele instante em que nós nos surpreendemos com a minha interpretação como um exemplo da frase de Dr. Fernando.

Foi um atendimento que me ensinou tanto a diferença entre a pré-ocupação substitutiva e a pré-ocupação antecipatória quanto o propósito e os limites da atuação do terapeuta. A preocupação substitutiva retira o “cuidado” do outro e o substitui nas suas ocupações, ocupando o seu lugar. Devolve a este a tarefa realizada. Heidegger (2017, p.178) diz que o outro “é deslocado de sua posição, retraindo-se, para posteriormente assumir a ocupação como algo disponível e já pronto, ou então dispensar-se totalmente dela”.

Borges-Duarte (2019, p. 34-53) em seu texto *A Apropriação Propícia* procura esclarecer a noção de *Ereignis* que Heidegger (1997) introduz na obra *Contribuições à Filosofia*. A filósofa traduz o termo por apropriação propícia e esclarece seu significado. Apropriação propícia se refere a um instante *kairótico* (instante propício para) em que o ser-com se expressa como um aí em que o ser pode se manifestar em sua inteireza, de tal forma que o Ser se apropria do aí e vice-versa, o aí se apropria do Ser. Essa constituição do aí está fundamentada no cuidado amoroso, solícito e leal, em que o amor não é posse nem amálgama, mas uma afinação generosa em que o ser pode se apresentar integralmente. A esse instante encantado, segue-se uma história, que dele deriva e se nutre. E Borges-Duarte cita Heidegger a esse respeito:

Em *Besinnung* (Reflexão), manuscrito redigido entre 1938 e 1939, na sequência dos *Beiträge* (Contribuições) e no horizonte de uma meditação propiciada como *Ereignis-Denken*, Heidegger diz «Amor» [«*Liebe*»] é a vontade de que o amado *seja*, que ache a sua essência e nela se essencie [*Wesen, wese*]. Esta vontade não deseja nem exige. Benévola, apenas deixa que o digno de ser amado «venha a ser» o amado, sem, no entanto, o criar. O digno de ser amado é o que diz a palavra «sabedoria». «*Sabedoria*» é o saber essencial, o estar-instado na verdade do Ser. Este «amor», portanto, ama de

uma única maneira, como uma predilecção ou ante-amor [*Vor-liebe*] pelo Ser; aquilo que ama é que o Ser «seja»; é para este, i.e, para a sua verdade e a fundamentação da mesma, que a vontade vale como saber essencial. Mas o Ser é o a-fundamento abissal. A «vontade» é do Ser, por este mesmo apropriada e propiciada [*ereignet*] na sua essência. A «vontade» não é um egoísmo prepotente e esforçado; «vontade» significa aqui paixão, aquela *disposição de fundo que persevera na sua determinação* e é um sofrer a urgência [*Not*] do a-fundamento. [...] Este sofrimento [ou pathos] – que é como aquela paixão se propicia [*ereignet*] devinda do saber essencial – é o que é chamado pelo Ser, mantendo-se numa via de resolução, a alcançar a entrega em propriedade [*Übereignung*] do homem à verdade do Ser, a partir do fundamento do *Dasein* (HEIDEGGER, 1997 apud BORGES-DUARTE p. 63-64, grifo do autor).

A relação terapêutica busca ser esse aí em que o ser da vivência do paciente pode se expressar em plenitude. Nela, o terapeuta se põe a construir com o paciente um pedaço de mundo em que exista aceitação e acolhimento para que o ser do vivido possa irromper como compreensão e a partir daí fazer história.

Penso que a interpretação que foi apresentada à paciente sobre sua dificuldade em piscar, que foi uma surpresa tanto para o paciente quanto para o terapeuta, se deu num instante *kairótico* feito de aceitação, em que o significado e sentido do que a paciente apresentava pôde emergir.

A minha dificuldade em me manter no lugar terapêutico, mercê da vaidade, me ensinou que um terapeuta não deve exercer a preocupação substitutiva, mas sim a preocupação antecipatória. Sobre esta, Heidegger (2017, p. 178, 179) diz:

[...]...não para lhe retirar o “cuidado” e sim para devolvê-lo como tal. Essa preocupação que, em sua essência, diz respeito à cura propriamente dita, ou seja, à existência do outro e não a uma *coisa* de que se ocupa, ajuda o outro a tornar-se, *em sua cura*, transparente a si mesmo e *livre para ela*.

De fato, toda vez que me exigi dar uma orientação a mais correta para Marina eu a tratei como um ser intramundano, sem o caráter de *Dasein*, sem que fosse um ser-com.

Em minha onipotência de iniciante deslizei da aceitação para tomar as questões e dificuldades da paciente como uma tarefa que eu devia assumir e devolvê-la realizada, exercendo, assim, o que Heidegger chama de pré-ocupação substitutiva. Além de ser um trabalho irrealizável, certamente não é terapêutico, no sentido de buscar a ampliação do autoconhecimento do paciente e ajudá-la a conquistar a liberdade em relação às restrições

que seu modo de ser cotidiano lhe impunha. Ao contrário, a preocupação substitutiva quando se faz presente na relação entre paciente e terapeuta transforma o paciente numa pessoa dependente e insegura. Diz Heidegger (2017, p. 178): “Nesta preocupação, o outro pode tornar-se dependente e dominado mesmo que esse domínio seja silencioso e permaneça encoberto para o dominado”. Não era o que eu queria, obviamente. Mas poder entender essa diferença e exercer a aceitação como ponto de partida do contato terapêutico modificou-me como terapeuta e como pessoa.

Existem sessões em que o terapeuta precisa colocar-se pessoalmente e dizer para seu paciente, o que uma sessão, uma fala, uma ocasião significou para ele, terapeuta. Na sessão a seguir (PUCCI e PEROSA, 2018, p. 117 -121), a última de um longo processo terapêutico foi importante a manifestação do terapeuta para a despedida com seu paciente. Nela, o terapeuta deixa claro como a aceitação fundamentou a qualidade da relação terapêutica. Denominei-a

Um Paciente se Vai

Nico: Mario me procurou com o coração partido. Não era sua primeira paixão, mas não havia vivido nada até então com tamanho impacto. Tinha entre 19 e 21 anos, não me lembro ao certo.

Quando conheci Mario notei que o pouco que sabia sobre si próprio já não parecia ser verdadeiro. Não sabia o significado do que vivia. Tinha acabado uma relação e ainda nem começara a juntar os cacos desse momento doloroso, apenas os observava espalhados pelo chão.

Escutando o relato dos acontecimentos da sua vida pude compreender que parte fundamental da sua identidade lhe parecia ter ido embora com o ex-namorado. Este tinha sido o único cúmplice de inúmeras descobertas íntimas que em tão pouco tempo lhe revelaram muito a respeito de quem era. Era com ele que Mario se via e reconhecia. Aos poucos, ao ser testemunha das vivências de Mario, escutá-lo sobre o amor vivido e a solidão em que viveu sua sexualidade antes e depois desse namoro, ajudei-o a retomar pouco a pouco a sensação de consistência de quem ele era, a noção de que era alguém. O testemunho como que validando e legitimando a existência.

A intensidade do sofrimento pela separação desencadeou uma sequência de complexos desafios em sua vida amorosa, familiar e profissional. Mario os trouxe à terapia e atendê-lo sempre foi simples e prazeroso. Era um garoto cheio de recursos, inteligente e articulado, bonito e muito bem-humorado. Gostava do cuidado com que contava suas histórias, procurando ser fiel aos acontecimentos e experiências vividas, gostava da profundidade dos significados que se desvelavam ao voltar-se para a compreensão de suas experiências. Percebia que as sessões o auxiliavam a descobrir-se e a apropriar-se das suas histórias. Isto me alegrava.

Foram nove anos ininterruptos de terapia. Quando começou, ainda era estagiário de RH em uma grande multinacional. Nela chegou a gerente e se desligou para ser diretor em outra corporação, ainda maior, em Recife. Pude acompanhar seus tombos e conquistas, seus limites e crescimento.

Como a mudança de cidade e trabalho foi abrupta, não conseguimos nos encontrar com a mesma regularidade de sempre e apesar de termos feito algumas sessões após a notícia da transferência, não foi possível realizar uma sessão de fechamento como gostaríamos. Suspendemos as sessões e combinamos que quando ele estivesse em São Paulo, com tempo, me procuraria para fazermos o fechamento.

Depois de mais ou menos cinco meses Mario me procurou. Conseguimos encontrar um horário comum e é esta sessão final que vou contar a vocês.

Nos encontramos na sala de espera e ali mesmo com um sorriso no rosto ele me disse:

- *Que saudade, faz muito tempo.*
- *Quanto tempo, Mario! Vamos entrar, você deve ter muito a me contar.*

Entramos na sala, ele como de costume se deitou no divã e me contou sobre todas as mudanças que enfrentava nesta nova fase em Recife. Começou pelo início, dos fechamentos em São Paulo. Desde as partes mais chatas e burocráticas, como devolver o apartamento, alterar contas de banco, da operadora de celular, até as despedidas de amigos e familiares e também o desligamento mais definitivo de um ou outro caso amoroso mal resolvido. Ia com a preocupação em não ver mais os avós que já estavam bem velhinhos.

Eu o ouvi atento e ele falava como que validando a sensação de liberdade que sentiu indo para Recife. Porém, questionando se essa liberdade não se referia ao quanto ele estava aliviado do peso dos compromissos e comprometimentos emocionais daqui de São Paulo. Em certo momento me disse:

- *Me desculpe por ter ficado tanto tempo sem dar notícia.*
- Eu não disse nada e logo ele emendou:*
- *Engraçado, não sinto que é pra você que tenho que dizer isso.*
 - *Você consegue me dizer pra quem você acha que deveria dizer?*
 - *Não sei dizer ao certo, talvez para mim mesmo.*

Achei curioso e importante, mas preferi não interromper o fluxo da sessão. Ele não parecia querer se deter nesse assunto e então aguardei.

Segui me contando sobre a mudança, sobre as novidades de estar em uma cidade muito diferente, o calor das pessoas, as comidas típicas, seu novo apartamento, a proximidade do mar. Contou sobre o novo trabalho, os encargos, os desafios profissionais, a rotina na empresa, os bons colegas que fez. Parecia feliz. Como de costume descreveu tudo com encantamento.

Mais para o final da sessão ele disse:

- *Nossa, tanta coisa aconteceu nesse tempo. Precisaria de mais horas para contar. Aliás, preciso confessar duas coisas.*

Fala meio envergonhado, mas debochado e risonho:

- A primeira é que me senti um pouco enciumado quando tentei marcar meu antigo horário e percebi que estava ocupado. A segunda é que quando te disse ali na entrada que estava com saudade você não respondeu o mesmo. Você não sentiu saudade de mim?

Disse dando risada, mas era fácil notar que a graça era um disfarce para um desejo íntimo de que eu também tivesse sentido saudade. Eu demorei um pouco e respondi honestamente:

- Não.

Ele deu uma gargalhada e depois ainda rindo perguntou:

- Porra, mas pra que tanta sinceridade? Justo você, que é como eu sempre disse, meu relacionamento mais estável, não sentiu saudade?

Ri também. Foi um momento delicado, sentia que não ter tido saudade era algo bom, mas não sabia exatamente por quê. Então, falando, fui me dando conta e explicando, para ele e para mim:

- Sabe, Mario, não é fácil entender a minha não saudade. Quando você se mudou para Recife, por alguns dias eu me lembrei dos vários encontros significativos que tivemos. Especialmente daqueles que ajudaram você a assumir um novo olhar sobre velhas histórias que insistiam em se repetir na sua vida. Lembra como mudou a sensação de vulnerabilidade com que você vivia seus relacionamentos, o olhar dos outros? Lembrei também dos momentos difíceis, de angústia, de perda, de luto e solidão que compartilhamos aqui no consultório. Lembrei das palavras, daquelas benditas, redentoras, a que você chegou e que iluminaram o lado escuro da sua história pessoal. Lembrei dos momentos em que precisei de muita esperança quando nada se movia, dos momentos em que duvidei da minha possibilidade de ajudá-lo. Da minha ansiedade ao esperá-lo tomar decisões, do meu respeito a elas.

Depois desses dias, fui pensando menos em você. Não lamento sua perda, a interrupção da terapia, porque você nunca foi meu. Jamais tive qualquer sentimento de posse. E nunca permiti que você se apropriasse de mim. Estabelecemos uma relação de ajuda em que a aceitação, o respeito e a compreensão significaram a liberdade sua e minha. A confiança que estabelecemos vem do respeito, da solidariedade, do compromisso em compreender sua existência, mas nunca de uma dependência. Para mim, foi uma relação muito boa. Nunca quis que você fizesse isso ou aquilo, que escolhesse esse ou outro caminho. Agora que você se foi, aceitando mais ser o senhor do seu destino, eu tenho em mim as lições da sua vida e você leva consigo o significado de todas elas. É diferente de saudade: é presença.

Mario me ouviu em silêncio, comovido. Um clima calmo, um tempo compartilhado, foi se derramando na sessão, como se o tempo se dilatasse e tudo pudesse ser visto com placidez, feito as águas serenas de um lago. Mario disse, sem pressa:

- É bom saber disso, Nico. Na verdade de alguma forma sempre soube, acho que é por isso que me sinto tão à vontade aqui.

Sinto que quando estabelecemos essa conexão, o clima da sessão se modificou, o tempo não se acelera nem retarda, tudo foi entrando em seus lugares. E as palavras ganharam peso e valor. Foram ditas com parcimônia e precisão, como uma descrição necessariamente fidedigna de um acontecimento importante:

- Sabe, Mario, você me disse, brincando, que a terapia era o relacionamento mais estável que tinha na vida. Nunca nos detivemos sobre essa frase, embora o tempo todo da terapia, falássemos sobre a dificuldade de um compromisso quando ele se dava baseado em cobranças e renúncias, quando você esperava tanto do outro e de si mesmo. Por isso a relação terapêutica pode ser uma relação estável: nela não há exigências, apenas aceitação e respeito. Não há confusão de expectativas e cobranças e você pode se sentir livre e ao mesmo tempo compromissado. Por isso, quando você me pediu desculpas por ter ficado tanto tempo sem vir aqui, eu também entendi que estava falando para si mesmo, pedindo desculpas por ficar tanto tempo longe dessa liberdade e compromisso.

Avançamos muito nisso e acho que você poderia encontrar um bom terapeuta em Recife e continuar essa conquista que iniciamos aqui. Com o tempo, ela presidirá todos os seus relacionamentos, de forma livre e compromissada. Não sendo vulnerável, exigente, devedor e ameaçado, como antes.

- Vai ser difícil começar uma terapia com outra pessoa.

- Com certeza será outro processo, não espere uma repetição. Mas você pode continuar esse caminho. Você não perderia o que já conquistou.

- Você conhece alguém lá?

- Tenho uma colega de lá que se formou comigo e é muito capaz. Se você quiser posso passar o contato.

- Ok, passa.

Mario se foi. Levou no bolso o contato da minha colega e deixou sua história de vida que tive a honra de testemunhar.

Vida boa em Recife, Mario.

Esta é uma sessão em que se mostra como a aceitação é a base para o estabelecimento de uma relação terapêutica de confiança e de liberdade. Nela, o paciente sente-se à vontade para ser si mesmo e para permitir aproximar-se do sentido e significado das suas vivências.

Quando a aceitação está presente na relação terapêutica (fundada na serenidade, uma disposição afetiva da abertura) também o terapeuta, livre do seu querer, pode deixar-se tocar pela vivência do paciente. E este ser tocado abre para ele a possibilidade de compreender, interpretar e dizer para si mesmo o significado e sentido do que o paciente está vivendo. Se ele vai dizer ao paciente ou se ele vai perguntar ao paciente baseado nessa compreensão, esperando que este chegue por si mesmo à descoberta, é sempre uma

decisão que o terapeuta tem que fazer a cada sessão. A decisão é tomada dependendo da avaliação do terapeuta de quanto o paciente está próximo do significado e do sentido do que está vivendo naquele momento. Se ainda está distante, as perguntas têm a finalidade de aproximá-lo do sentido daquela vivência.

Muitas vezes nem dizer nem perguntar são necessários: o próprio paciente, imerso na busca da compreensão e em contato consigo mesmo, acaba por concluir e entender o que está vivendo. Ao terapeuta, nessas horas, é reservado o papel de retaguarda e de possibilitar solidariamente esse mergulho em si mesmo. São sessões em que ao final o paciente agradece ao terapeuta e esse diz: “Obrigado por quê? Você fez todo o trabalho sozinho!” E é comum ouvir a resposta: “Sozinho, não. Você estava aí, comigo”.

5. REFLEXÕES FINAIS

A construção do ofício de terapeuta é uma construção que tem início, mas não tem fim. Sempre, diante da diversidade infinita dos modos de ser de seus pacientes, um terapeuta está sempre aprendendo, seja sobre o seu paciente, seja como construir com ele uma relação de cuidado, seja sobre a vida. Nesse processo assume importância a reflexão a respeito da prática clínica, que se dá em supervisão, bem como no estudo dos textos a respeito do tema.

Não se aprende este fazer unicamente frequentando aulas e estudando teorias. Um terapeuta é um aprendiz, não apenas um aluno. E como aprendiz, ele faz para aprender. Faz e reflete.

Este trabalho é uma reflexão sobre 45 anos de prática clínica. Realizá-lo modificou-me. Tornei-me um professor e um supervisor melhor, com mais foco no que é essencial na aprendizagem desse ofício difícil e delicado de ser terapeuta. E por isso se dirige aos jovens terapeutas, bem como aos seus supervisores. Nele, encontrarão um esforço de fundamentação ontológica da aceitação e da relevância do seu papel no lugar terapêutico. E poderão perceber que a aceitação é muito difícil de ser construída, exigindo do terapeuta o exercício das suas melhores características pessoais.

Não é porque essa fundamentação é baseada no pensamento fenomenológico existencial que terapeutas de outras abordagens não possam se beneficiar da sua leitura. Também outras abordagens falam de um cuidado em não classificar a vivência do paciente em categorias gerais e apriorísticas. Berlink (1997, p. 38), por exemplo, afirma que: “(...) a transposição mecânica da teoria (psicanalítica) para a clínica pode levar a obturações da escuta”.

E Freud (2010, p. 155) diz: “Nas circunstâncias de hoje, um afeto perigoso para o analista é a ambição terapêutica de realizar, com seu novo e discutido método, algo que tenha efeito convincente em outras pessoas.” Aqui, Freud adverte para que o terapeuta (no caso, o analista) atenha-se ao lugar terapêutico e não busque modificar o modo de ser do seu paciente, baseado em seu conhecimento prévio.

Cardinalli (2000, p. 12) diz: “O foco da situação terapêutica é o modo de existir de uma determinada pessoa, isto é, o modo como essa pessoa está se relacionando consigo mesma, com os outros e com o mundo”.

Este trabalho propõe que este foco seja abordado a partir de uma das atitudes que compõem o lugar terapêutico: a aceitação.

Busquei fundamentar ontologicamente a aceitação a partir do pensamento de Martin Heidegger. Assim, a aceitação é uma atitude que se fundamenta no conceito heideggeriano de serenidade. Para Heidegger, serenidade é estar diante do mundo sem interferência do querer, é a oportunidade de se demorar diante do fenômeno para que seu ser possa emergir em seu desenrolar, sem que (no caso) o terapeuta interfira no que o paciente apresenta na sessão. Diz Heidegger (2000, p.43):

O aguardar, tal como proposto, não tem qualquer objeto, simplesmente “aventurar-se no próprio aberto...” [...] O aguardar sem nada representar conduz à própria abertura do sentido do ser. A serenidade vem da própria abertura, consiste no aguardar sereno através do qual experienciamos o pertencimento da nossa essência à abertura.

Essa atitude propicia que paciente e terapeuta construam a relação terapêutica como um lugar hermenêutico em que o ser da vivência do paciente possa emergir e possa ser compreendido pelo paciente. O terapeuta se dispõe a se fazer e a fazer junto com o paciente esse lugar de aceitação, generoso e aberto para que a emergência do significado e sentido do vivido possa ocorrer. Por vezes, há o encontro dessa disponibilidade de aceitação tanto do terapeuta quanto do paciente e nesse instante (e não é mais que um instante) a clarificação de algum aspecto do modo de ser do paciente constitui uma surpresa, um alumbramento, um encantamento. E a relação terapêutica aprofunda seus laços. Um instante que é uma cunha no tempo, um entre o antes e o depois, esse depois que levará em conta o esclarecido para retomar o curso do tempo e fazer história. Borges-Duarte (2019, p. 34-53) o explicita da seguinte maneira:

... Esse apropriar-se não é um tomar posse, mas um fazer-se próprio para ser em plena autenticidade: ser apropriado. E o ser, de que aqui é questão – o *Worum* –, é o do *Dasein* como ser-aí-com outro no mundo e como ser-o-aí do ser à maneira mais propriamente humana. E é esse encontro cairológico que é *Ereignis*.

Esse instante, que alguns autores traduziram como acontecimento apropriador e que Irene Borges-Duarte (2019) denominou de instante propício, é o que Heidegger denominou *Ereignis* em *Contribuições à Filosofia*. No entender de Borges-Duarte, *Ereignis* é uma evolução do conceito de cuidado que está presente em *Ser e Tempo*. Diz Borges-Duarte (2019, p. 34-53):

...a radicalização da problemática fenomenológica da intencionalidade atinge o seu clímax no conceito de *Ereignis*, que não tivera lugar em *Ser e Tempo*, mas constitui o cerne da meditação dos *Beiträge*. Nele, está pensado o tempo caiológico do mútuo apropriar-se do ser e do aí em que toma forma: o erigir-se dos humanos em ser-o-aí (do ser) no instante propício do mais próprio dar-se do ser. O acontecimento dessa apropriação recíproca manifesta-se de muitas maneiras: em palavra, gesto, ato, obra.

Apenas na serenidade é possível a ocorrência do instante propício, a apropriação do ser pelo aí e, inversamente, a apropriação do aí pelo ser.

Eventualmente, pode acontecer de um contato com antigos pacientes serem retomados. E é comum que digam: “Nunca me esqueço daquela sessão em que falamos sobre...”. São sessões carregadas de possibilidades de ser, em que se conquista a liberdade de alguma vivência que se repetia e atrapalhava o lançar-se com confiança ao futuro, sessões em que o afeto se fez presente na relação terapêutica e muitas vezes emocionaram a ambos.

São sessões encantadas, que ocorrem esparsamente numa relação terapêutica baseada na aceitação e que funcionam como um antes e depois na temporalidade da vida do paciente, onde ele se dá conta do significado da sua vivência ou do seu modo de ser e esse dar-se conta, por ser poético (desvelamento) é imediatamente incorporado ao que ele é. E o tempo subsequente se transforma, seu olhar para si mesmo e para suas relações com os outros e com o mundo se modifica.

Quando acontece, a relação terapêutica se fortalece, abrindo ainda mais a possibilidade do paciente, em liberdade, aproximar-se de si mesmo e novas descobertas e compreensões tornam-se mais viáveis de serem encontradas.

Para o terapeuta, essas sessões encantadas são a legitimação do trabalho e um envolvimento maior na relação terapêutica. Geralmente, são sessões emotivas, de uma

cumplicidade respeitosa e amável, como se o terapeuta arrumasse a sessão como um caminho suave para o encontro do paciente consigo mesmo.

Considero a aceitação a pedra de toque da relação terapêutica. Ela é o fundamento da qualidade da relação em que a confiança de que o terapeuta não vai interferir na significação da vivência do paciente possibilita a este o contato mais profundo consigo mesmo. E a compreensão a que chega transforma os fatos em experiência de vida e o paciente torna-se mais senhor de si e mais confiante para decidir seus caminhos.

Heidegger (2017, p. 260) diz: “Porque, em sua essência, o ser-no-mundo é cura, pode-se compreender, nas análises precedentes, o ser junto ao manual como *ocupação* e o ser como copresença dos outros nos encontros dentro do mundo como *preocupação*.” E, mais abaixo, na mesma página, referindo-se à preocupação antecipatória:

É no anteceder-a-si-mesma, enquanto ser para o poder-ser mais próprio, que subsiste a condição ontológica-existencial de possibilidade de *ser livre para* as possibilidades propriamente existenciárias. Poder-ser é aquilo em virtude de que a presença é sempre como ela é facticamente.

Na relação terapêutica busca-se criar condições para a conquista deste *ser livre para* as possibilidades propriamente existenciárias. E estas condições estão fundadas onticamente na aceitação do modo de ser do paciente por parte do terapeuta.

Borges-Duarte (2015, p. 43-62) diz que: “A afetividade é, neste sentido, o momento inicial da compreensão, a abertura no seu sentido mais próprio e primordial”. Por essa razão, a serenidade como uma disposição afetiva que fundamenta a aceitação terapêutica é tão importante no fazer clínico. É preciso estar diante do outro sem a intervenção do querer para que na sua abertura, o terapeuta possa ser tocado ao que dele se aproxima e compreender e ajudar seu paciente na sua busca de autocompreensão. É a partir desta disposição afetiva que o terapeuta tem as condições de proporcionar o “ser livre para as possibilidades propriamente existenciárias”, como citado acima.

A aceitação é parte integrante, junto com o acolhimento e a compreensão, do que denomino Lugar Terapêutico. São as atitudes do terapeuta, as que compõem o seu fazer. Neste trabalho nos detivemos a esclarecer o significado e sentido da aceitação. Ela constitui – fundada na serenidade – um modo de abertura do Dasein, que aliado ao

acolhimento e à compreensão dão tempo e forma para que aconteça o propósito da terapia: possibilitar condições para que o paciente possa ampliar o autoconhecimento.

A aceitação precede o acolhimento e a compreensão. E aqui, o preceder não é tanto uma questão temporal, mas hermenêutica: ela é o fundamento e objeto sobre o qual as duas outras atitudes terapêuticas se exercem. Nas palavras de Borges-Duarte (2005, p. 43-62):

Do afecto devemos esperar que antecipe uma certa compreensão. Da compreensão temos de supor que está já de antemão orientada pela disposição afectiva. No entretecer-se implícito ou explícito do discurso, em que esta compreensão afectiva chega à palavra, configura-se a existência de cada um. A existência é ser-no-mundo, que se inicia no ver-em-torno da labuta quotidiana.

A serenidade, fundamento da aceitação, é o que permite a emergência do *Ereignis*. Este é o exercício pleno e radical do Lugar Terapêutico. Sua ocorrência é ocasional. Precedida de muitas e muitas sessões, como se fossem sessões preparatórias para o acontecimento do instante propício.

Na terapia, o instante propício modifica paciente, terapeuta e a relação terapêutica. Se, como diz Borges-Duarte (2015), ele é uma cunha encravada no tempo, que delimita um antes e um depois, o paciente já não é o mesmo depois da sua ocorrência. É frequente que, na mesma sessão em que o instante propício acontece, o paciente passe um longo tempo em silêncio, como se estivesse reordenando várias dimensões da sua vida a partir desse novo lugar, desse novo ponto de vista, dessa nova concepção de si a que chegou no instante propício. Tudo se altera.

Também o terapeuta se modifica. Testemunhar a emergência de novo significado e sentido a algum aspecto ou modo de ser do paciente, é acrescentar um novo conhecimento a respeito da vida, que também altera seu ponto de vista prévio a respeito dessa dimensão ressignificada. Ele se torna mais experiente como terapeuta.

E a relação terapêutica alça a um novo patamar de confiança, de intimidade, de cumplicidade. O compromisso terapêutico, de ambos buscarem a ampliação do autoconhecimento do paciente, fica mais fortalecido, ganha maior significatividade e relevância. A afetividade na relação pode se expressar mais livremente e em confiança.

Entendo que o compromisso terapêutico que chegou a esse patamar se estende por toda a vida. O paciente sabe que a qualquer momento pode contar com a escuta serena do terapeuta e este estará disponível e solícito sempre que se fizer necessário. Esta é uma relação permanente que tenho com muitos ex-pacientes de décadas atrás.

Por essas razões da existência do terapeuta é que considero a aceitação como uma atitude privilegiada que transforma um técnico num terapeuta, numa pessoa capaz de deixar ser, de acolher e compreender outro ser humano.

Acredito que minha contribuição ao muito que já se sabe a respeito do contato terapêutico seja a de ressaltar a importância da precedência hermenêutica da aceitação. Creio que jovens terapeutas e seus supervisores podem se beneficiar dessa compreensão na análise do seu fazer terapêutico.

Pretendo dar continuidade a este trabalho e, num futuro próximo, realizar a pesquisa das outras atitudes que compõem o lugar terapêutico e, com isso, completar a exposição de um fazer que norteou minha vida profissional e pedagógica nestes 45 anos de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERLINK, M. *Histeria*. São Paulo: Editora Escuta, 1977.

BORGES-DUARTE, I.

_____ *A afetividade no caminho fenomenológico heideggeriano*. Lisboa: Revista Phainomenon, n.º 24, p. 43-62, 2015.

_____ *A apropriação propícia – pensar e amar como acontecimento em Heidegger*. São Paulo: Revista Natureza Humana, v. 21, p. 34-53, 2019.

BOSS, M.

_____ *A paciente que ensinou o autor a ver e pensar de uma maneira diferente*. São Paulo, Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse, n.º 11, p. 5-36, 2002.

_____ *Existential Foundations of Medicine*. New York: Basic Books Publishers, 1963.

BUENO, A. - *A Via Estreita*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995.

CARDINALLI, I.E.

_____ *A Contribuição das Noções de Ser-no-mundo e Temporalidade para a Psicoterapia Daseinsanalítica*. São Paulo: Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse, n.º 14, p. 55-63, 2005.

_____ *Daseinsanálise e Psicoterapia*. São Paulo: Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse, n.º9, p. 11-17, 2000.

COLPO, M. *Pesquisa Fenomenológica e Hermenêutica: Cinema, Arte e Literatura*. São Paulo: Editora Via Verita, 2019.

DIAS, L. F. *Sentido, Significado e Significação* in Colpo, M. *Pesquisa Fenomenológica e Hermenêutica: Cinema, Arte e Literatura*. São Paulo: Editora Via Verita, 2019.

DRUMMOND DE ANDRADE, C. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1979.

FREUD, S. *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. São Paulo: Editora Schwartz S.A., 2010.

HAAR, M. *Heidegger e a essência do homem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

HEIDEGGER, M.

_____ *Ser e Tempo* Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

_____ *Seminários de Zollikon*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

_____ *Construir, Habitar, Pensar*. Barcelona: in Conferencias y Articulos, Ediciones de Serbal, 1994.

_____ *Serenidade*. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2000.

_____ *Reflexões*. Frankfurt: Editora F.W. von Herrmann, 1997.

POMPEIA, J.A.

_____ *Uma Caracterização da Psicoterapia*. São Paulo: Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse, 2000.

_____ *Psicoterapia e Verdade*. São Paulo: Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse, 1997.

POMPEIA, J. A. e SAPIENZA, B. T. *Os dois Nascimentos do homem: escritos sobre terapia e educação na era da técnica*. Rio de Janeiro: Editora Via Verita, 2011.

PEROSA, M., PUCCI, D.

_____ *Histórias de uma Supervisão*. São Paulo: Editora Escuta, 2018.

_____ *O Terapeuta*. São Paulo: in Caleidoscópio Editora Olho D'Água, 2002.

PESSOA, F. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2006.

SÁ, R. N.. *Para Além da Técnica Ensaio Fenomenológicos sobre Psicoterapia, Atenção e Cuidado*. Rio de Janeiro: Editora Via Verita, 2017

VAN DEN BERG, J. H. - *O Paciente Psiquiátrico*. Campinas: Editora Livro Pleno, 2.000.

ROSA, J.G. *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.